SUPER
RESPONDE

"É A ÁGUIA SOLITÁRIA"

Lev Yashin: goleiro da União Soviética nos anos 1950 e 1960, talvez o maior de todos

PA IMAGES/GETTY IMAGES

Sylvester Stallone, em *Fuga para a Vitória:* Rocky Balboa debaixo das traves

DIVULGAÇÃO

Na edição de janeiro de PLACAR, celebração dos 50 anos da revista, o jornalista Carlos Maranhão, um dos craques dos primeiros anos, escreveu o seguinte ao explicar como se decidia o conteúdo de uma semana para a outra: "Enfim, morto mais um leão a pauladas, chegava o temido momento de se acomodar nas cadeiras ou em cima das mesas. Iria começar, entrando pela madrugada de segunda-feira — o nosso dia de folga —, a tumultuada reunião de pauta para o próximo número. Cada editor, repórter e fotógrafo tinha de apresentar suas sugestões de matéria. O cansaço, o adiantado da hora, a irritação dos que não se conformavam com a derrota do time pelo qual torciam — não havia quem não tivesse um, é claro — e o consumo de cerveja cobravam o seu preço". Já não é mais assim, cerveja não cai bem e, especialmente em tempo de pandemia, os encontros dos profissionais da redação têm sido feitos por meio de videoconferência, a distância, como manda a norma. Mas o tom da prosa pouco mudou — há brincadeiras com as bandeiras de predileção de cada um, há permanente algaravia. E, no entanto, foi quase unânime a escolha de Alisson como personagem de capa.

Com surpresa, e nenhum desconforto, à medida que as reportagens iam saindo da linha de montagem, percebemos uma feliz prevalência ao longo das páginas: havia outros goleiros. Rocky Balboa, sim, ele mesmo, Sylvester Stallone, debaixo das traves na reportagem

sobre o divertido e espetacular quebra-cabeça com a história do futebol *(pág. 38)*. O São Victor do Horto, o goleiraço do Atlético Mineiro que transformou o pé esquerdo em mão milagrosa na Libertadores de 2013 *(pág. 56)*. Eurico Lara *(pág. 64)*, um dos grandes personagens da trajetória do Grêmio, cantado por Lupicínio Rodrigues no belo hino do tricolor gaúcho: "Lara, o craque imortal / Soube seu nome elevar / Hoje com mesmo ideal / Nós saberemos te honrar". Ah, e ainda o escritor Albert Camus e o poeta Yevgeny Yevtushenko *(pág. 60)*, afiados arqueiros na juventude.

Goleiros foram, são e serão sempre muito bem-vindos em PLACAR. Não há posição mais cercada de beleza, poucas são tão decisivas, e os personagens de luvas costumam ser muito interessantes. Lembremos, portanto, de outro escritor, o russo radicado nos Estados Unidos Vladimir Nabokov (1899-1977), amante das luvas, fascinado por Lev Yashin (1929-1990), o Aranha Negra, talvez o maior de todos. "É a águia solitária, o homem misterioso, o último defensor. Os fotógrafos se ajoelham com reverência para imortalizá-lo em pleno salto espetacular", escreveu o criador de *Lolita* em suas memórias. Parecia estar falando de Alisson Becker, campeão europeu, mundial e, finalmente, inglês, pelo Liverpool, entrevistado com exclusividade pelo repórter Leandro Behs. Boa leitura, e até agosto. ■

 revistaplacar

 @placar

 @RevistaPlacar

 veja.abril.com.br/placar

 placar@abril.com.br

SILVESTRE SZPYLMA/QUALITY SPORT IMAGES/GETTY IMAGES

O 10 argentino do Barcelona: quase lá, insuperável, mas agora é que começa a resenha sem fim

PRORROGAÇÃO

CAPA: ANDREW POWELL/LIVERPOOL FC/GETTY IMAGES (ALISSON), MIGUEL RUIZ/FC BARCELONA (MESSI) E LEMYR MARTINS (PELÉ)

Fundada em 1950

VICTOR CIVITA (1907-1990) ROBERTO CIVITA (1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima

PLACAR

Redator-Chefe: Fábio Altman
Editor: Alexandre Salvador **Editor Assistente:** Luiz Felipe Castro **Repórter:** Alexandre Senechal **Checadoras:** Andressa Tobita, Luana Lourenço Alves Pinto **Editor de Arte:** Daniel Marucci, Marcos Vinicius Candido Rodrigues **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Ricardo Ferrari, Ricardo Horvat Leite **Infografistas:** Anderson Marçal Leandro, Wander Moreira Mendes **Fotografia: Editor:** Alexandre Reche **Pesquisadoras:** Ana Paula Galisteu, Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisoras:** Rosana Tanus, Valquíria Della Pozza **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Preparador Digital:** Luiz Henrique Silva de Azevedo

Colaboraram nesta edição: Alexandre Battibugli (fotografia); Airton Gontow, Danilo Monteiro, Leandro Behs, Gabriel Grossi, Pedro Galvão, Rodolfo Rodrigues e Tato Coutinho (texto); Pedro Lins (ilustração)

www.placar.com.br

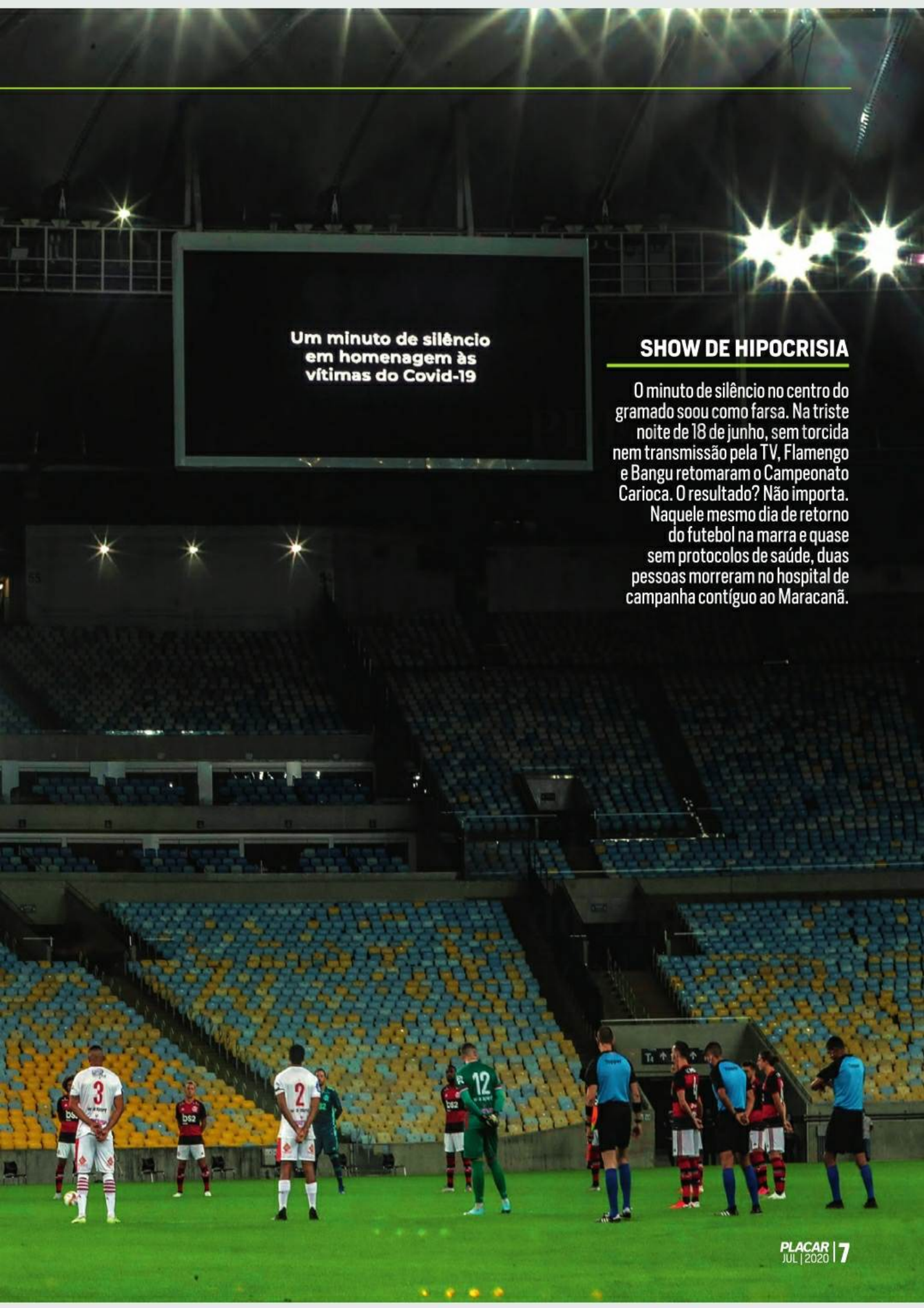
PUBLICIDADE E PROJETOS ESPECIAIS Marcos Garcia Leal (Diretor de Publicidade), Daniela Serafim (Financeiro, Mobilidade, Tecnologia, Telecom, Saúde e Serviços), Renato Mascarenhas (Alimentos, Bebidas, Beleza, Higiene, Moda, Imobiliário, Decoração, Turismo, Varejo, Educação, Mídia & Entretenimento) DIRETORIA DE MERCADO Carlos Nogueira BRANDED CONTENT, CRIAÇÃO, MARKETING MARCAS, EVENTOS E VÍDEO Andrea Abelleira PRODUTOS E PLATAFORMAS Guilherme Valente DEDOC E ABRILPRESS Alessandra Collado

Redação e Correspondência: Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP 02909-900, São Paulo, SP, tel.: (11) 3037-2000. Publicidade São Paulo e informações sobre representantes de publicidade no Brasil e no exterior: www.publiabril.com.br

PLACAR 1465 (789 3614 11176 6), ano 50, é uma publicação mensal da Editora Abril. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **PLACAR** não admite publicidade redacional.

Serviço ao assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112
Demais localidades: 0800-7752112
www.abrilsac.com.br
Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2145
Demais localidades: 0800-7752145
www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA ESDEVA INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Brasil, 1405, Poço Rico, CEP 36020-110, Juiz de Fora, MG

www.grupoabril.com.br

Cia PDF do Brasil by edson pdf

ANTONIO LACERDA/EFE

SHOW DE HIPOCRISIA

O minuto de silêncio no centro do gramado soou como farsa. Na triste noite de 18 de junho, sem torcida nem transmissão pela TV, Flamengo e Bangu retomaram o Campeonato Carioca. O resultado? Não importa. Naquele mesmo dia de retorno do futebol na marra e quase sem protocolos de saúde, duas pessoas morreram no hospital de campanha contíguo ao Maracanã.

ÀS FAVAS A RESPONSABILIDADE

No Estádio Olímpico de Roma às moscas, é claro, os jogadores do Napoli comemoraram, em 17 de junho, a conquista da Copa da Itália nos pênaltis, contra a Juventus de Cristiano Ronaldo. Em Nápoles, os torcedores foram às ruas — aglomerados, suados, sem máscara, felizes mas descuidados. A região da Campânia, ao sul, não foi das mais atingidas pela pandemia. E daí? A imagem não combina com o zelo que se exige em tempos difíceis.

TEMPERATURA SEMPRE ALTA

De volta à França, de volta aos treinos, Neymar não perdeu o jeitão altivo nem quando teve de passar pelos controles para medir eventual febre. Não, não era um agente de segurança com um smartphone tirando foto do craque brasileiro. Ele ostentava um termômetro eletrônico. Menos mal, porque agora só há uma saída: cuidado. O PSG se prepara para a edição especial da fase final da Champions League, em Lisboa, a partir de 7 de agosto.

PDF GRATIS
Cia PDF
do Brasil
by ed word pdf

C.GAVELLE/PSG

O MELHOR DO MUNDO

Quem vê o paredão de quase 2 metros de altura não imagina que, por um instante, esse gaúcho de Novo Hamburgo quase abandonou a carreira por "falta de estatura". PLACAR relembra a trajetória de **Alisson Becker,** o goleiro que elevou o Liverpool ao patamar de clube mais temido do planeta

Leandro Behs

Alisson Becker, um homenzarrão de 1,93 metro, surgiu em meio à improvisada festa dos jogadores do Liverpool calçando chinelos tamanho 44 e de bermudão folgado. No peito, a camisa comemorativa da inédita conquista da Premier League e na cabeça um cachecol em vermelho e branco. Aos 27 anos de idade, o goleiro titular da seleção brasileira somou naquele 25 de junho o terceiro grande título com a equipe do treinador alemão Jürgen Klopp. Depois de ganhar a Europa e o mundo, agora o time de Anfield Road levantou também o principal torneio inglês — a primeira taça do clube no atual formato da competição, inaugurado em 1992. Um prêmio e tanto para o guri nascido em Novo Hamburgo, a 40 quilômetros de Porto Alegre, e que aos 9 anos decidiu trocar as brincadeiras com os colegas da Escola Estadual João Ribeiro pelas viagens bate-volta à capital gaúcha (onde participava dos rigorosos treinos para goleiros das categorias de base do Inter). O menino cresceu e se tornou um paredão quase intransponível, ajudando sua equipe a se consolidar como uma das melhores da atualidade.

Ele deixou o Rio Grande do Sul, mas o Rio Grande parece não tê-lo deixado. Alisson decidiu manter o ritmo de vida interiorano. Ele, a mulher, Natália, e os filhos, Helena, 3 anos, e Matteo, de apenas 1 aninho, optaram por sair da terra dos Beatles para morar em Altrincham, localidade entre Manchester e Liverpool, e com uma população de pouco mais de 50 000 habitantes, onde podem passear e frequentar restaurantes sem ser interrompidos para selfies em meio a garfadas.

"Hoje, pelas nossas conquistas e pelo que demonstramos dentro de campo, somos, sim, o melhor time do mundo. Vencemos tudo o que um clube pode vencer", disse Alisson a PLACAR horas antes de comemorar por antecipação o título da Premier League, graças à vitória do Chelsea sobre o Manchester City que deu ao clube de Liverpool o seu primeiro campeonato nacional em trinta anos *(leia outros trechos da conversa na pág. 16).*

A conquista do título inglês encerra um período de doze meses dos sonhos para o camisa 1 do Liverpool, titular absoluto da seleção comandada por Tite. No último ano, além dos troféus coletivos, o brasileiro ergueu o prêmio de melhor goleiro dado pela Fifa, pela Uefa, pela liga inglesa (a Luva de Ouro) e pela conceituada revista *France Football* (foi o primeiro ganhador do prêmio Yashin). O que resta agora? "Tentar ganhar tudo de novo", responde Alisson, às gargalhadas, que tem entre seus ídolos e mentores o irmão, Muriel (atual goleiro do Fluminense), além dos multicampeões Dida (a quem sucedeu no Inter) e Taffarel (seu treinador de goleiros na CBF e, assim como ele, formado na base colorada).

"O Alisson está apenas colhendo os frutos de quem trabalha sério e tem um dom muito especial", diz Taffarel. "Nunca se deslumbrou. Mesmo sendo o melhor goleiro do mundo, jamais deixou de levar tudo muito a sério. Tem uma segurança impressionante e uma

MICHAEL REGAN/FIFA/GETTY IMAGES

A PLACAR, o único brasileiro considerado unanimidade em sua posição diz qual é a nova meta de sua carreira: "Agora é tentar ganhar tudo de novo"

Em ação pelo Liverpool: Klopp diz que pagaria o dobro (ou mais) por seu camisa 1

MARC ATKINS/GETTY IMAGES

técnica muito apurada. Está jogando muito bem com os pés e em um campeonato dificílimo, que é o inglês. Estou muito satisfeito com o seu desempenho, e não é por sermos muito amigos. Alisson é uma unanimidade na seleção. É o cara da vez no gol do Brasil", acrescenta o tetracampeão, goleiro de três Copas do Mundo.

Toda essa certeza, contudo, quase passou despercebida. Certa vez, o empresário de Alisson, José Maria Neis, o Zé Maria, ouviu de um dirigente do Inter, quando o goleiro estava na transição da categoria de base para o elenco profissional: "Zé, você nunca vai conseguir montar um bom DVD com defesas espetaculares do Alisson". O empresário, surpreso, perguntou por quê. E ouviu uma resposta entre a ironia e a verdade absoluta, irretocável. "Assim como o Taffarel, ele não faz defesas acrobáticas. Ele pega todas porque está sempre bem posicionado." É um fato. Há pelo menos um lance emblemático na conquista da Copa América de 2019. Na semifinal, diante da Argentina de Messi, no Mineirão, o Brasil vencia por 1 a 0 quando o camisa 10 teve uma falta para cobrar na entrada da área. Os argentinos se ouriçavam com o empate iminente, já os brasileiros rezavam para enxotar o fantasma do 7 a 1. Messi cobrou e pôs a bola na gaveta. Alisson, no meio do gol, deu um passo para a direita e, num pulo rotineiro, agarrou com as duas mãos e saiu jogando. Simples, limpo, definitivo. O Brasil venceu por 2 a 0 e abriu caminho para encarar o Peru na final realizada no Maracanã.

Apesar do vaticínio do cartola do Colorado, Alisson deixou o time gaúcho com apenas uma temporada completa como titular. Foi em 2015. No ano anterior, sua caminhada de terceiro goleiro a titular contou com uma prova de fogo. Muriel, o irmão e então segundo goleiro do time de Abel Braga, estava lesionado. O veterano Dida, o camisa 1, havia sido expulso em uma derrota para a Chapecoense. Coube ao novato assumir o posto. O bom desempenho até o encerramento da temporada fez do outro Becker o titular do ano seguinte, com o Inter de volta à Libertadores. "Além de Alisson ser o goleiro que todos vemos hoje, é uma pessoa espetacular. É o melhor goleiro do mundo e, mesmo jovem, já se mostrava um líder. Tenho muito orgulho dele", conta o técnico uruguaio Diego Aguirre, o treinador do Inter em 2015. A gestão desastrosa do clube, que levaria o Inter para a segunda divisão no ano seguinte, acabou colaborando para que Alisson deixasse a equipe muito cedo. O salário baixo para quem já era o capitão do time de 2016, depois do empréstimo de D'Alessandro para o River Plate, fez com que o goleiro procurasse a direção para renovar o contrato, sem sucesso. A solução foi olhar para fora. Juventus e Roma abriram negociações, mas a opção foi pelo time da capital italiana, uma vez que o lendário Gianluigi Buffon ainda estava em Turim, e o brasileiro sabia que poderia passar um bom tempo na reserva.

Vendido por 5 milhões de euros (algo como 21 milhões de reais à época), Alisson ainda se sagrou campeão

O MELHOR TAMBÉM NOS NÚMEROS

Desde que chegou à Inglaterra, Alisson destoou dos demais arqueiros naquele que é considerado o mais difícil torneio do mundo*

Dados fornecidos por

Partidas sem tomar gol

Jogador	Time	Partidas	Jogos sem tomar gols	Aproveitamento
Alisson	**Liverpool**	**62**	**34**	**55%**
Ederson	Manchester City	68	32	47%
Kepa	Chelsea	65	21	32%
Pickford	Everton	70	22	31%
Schmeichel	Leicester	71	22	31%
Dubravka	Newcastle	71	21	30%

Defesas

Jogador	Time	Partidas	Porcentual de defesas	Número de defesas	Gols sofridos
Alisson	**Liverpool**	**62**	**77%**	**129**	**37**
Lloris	Tottenham	48	76%	162	51
Henderson	Sheffield	31	75%	85	27
Guaita	Crystal Palace	50	74%	157	55
Leno	Arsenal	62	73%	218	81

Defesas do brasileiro, por local do chute

Local do chute	Chutes	Gols sofridos	Defesas	Aproveitamento
Dentro da área	**116**	**35**	**79**	**68%**
Fora da área	**51**	**2**	**50**	**98%**

Minutos jogados até tomar um gol

Jogador	Time	Partidas	Minutos	Minutos por gol	Gols sofridos
Alisson	**Liverpool**	**62**	**5 515**	**149**	**37**
Ederson	Manchester City	68	6 042	120	50
Henderson	Sheffield	31	2 790	103	27
Adrián	Liverpool	11	873	87	10
Lloris	Tottenham	48	4 238	83	51
Guaita	Crystal Palace	50	4 455	81	55
Schmeichel	Leicester	71	6 390	80	79

*Estatísticas referentes às últimas duas temporadas (2018-2019 e 2019-2020), atualizadas até 5/7/2020

Empunhando o troféu do Mundial de Clubes: campeão de tudo

OHN POWELL/LIVERPOOL FC VIA GETTY IMAGES

gaúcho naquela temporada, e pediu para jogar a estreia do Inter no Brasileirão, em casa, diante da Chapecoense. Foi a forma de se despedir do clube que o criou. Ao final do empate em 0 a 0, ele ficou sozinho em campo, por um bom tempo, com os refletores do estádio já apagados, emocionado, olhando para as arquibancadas vazias. "Quero voltar ao Inter um dia, para marcar ainda mais a minha história com uma grande conquista", confessa. Seria o desfecho de uma parábola bonita — a volta por cima, para usar um surrado chavão. Aos 14 anos, Alisson era considerado baixo e magrinho demais para a posição. A pesada rotina de treinos após a escola — quando ele e Muriel faziam de um sanduíche na van o almoço, a fim de chegar a tempo para os treinos no Beira-Rio, e voltavam para casa, em Novo Hamburgo, quando já era noite — foi deixando Alisson frustrado. Além disso, a crise econômica que atingiu a indústria calçadista, base da economia da cidade, no começo dos anos 2000 também afetou sua família. José Agostinho, o patriarca dos Becker, passou a ter dificuldades para trabalhar devido ao fechamento de muitas fábricas na região. A van, que transportava Alisson e Muriel diariamente para Porto Alegre, começou a pesar no bolso. "Muriel já estava nas seleções de base, e fui consultado pelos Becker sobre Alisson parar de treinar. Consegui convencê-los a fazer um esforço e não permitir que isso acontecesse. O clube chegou a dar uma ajuda para bancar a van", recorda Daniel Pavan, atual preparador de goleiros do time profissional do Inter. "Eu sabia que ele tinha grande potencial, uma técnica inata. É claro que não imaginava que ele chegaria a ser o melhor goleiro do mundo, mas pensava que iria longe. No ano seguinte, antes de completar 15 anos, Alisson cresceu 15 centímetros, passou a ser convocado para as seleções de base e não parou mais. Poderíamos ter perdido o Alisson. Felizmente, ele seguiu naquela van", brinca o "padrinho" da carreira.

Colega de Alisson na "van Gre-Nal" — metade dos passageiros descia no Olímpico e a outra metade, no Beira-Rio —, Marcelo Grohe lembra com carinho do início de carreira dos guris do Vale do Sinos. Morador

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

O guri mirrado e baixinho de Novo Hamburgo quase desistiu da carreira

ARQUIVO PESSOAL

da cidade de Campo Bom, próximo a Novo Hamburgo, o goleiro campeão da Libertadores com o Grêmio era contemporâneo de Muriel (e ambos, seis anos mais velhos do que Alisson) e lembra que o caçula dos Becker era uma espécie de mascote da turma. "Íamos e voltávamos juntos nessa van. A ida era mais agitada, porque todo mundo ainda estava animado. A volta era tranquila, afinal o pessoal estava 'morto' de tanto treinar", diverte-se Grohe, atualmente no Al-Ittihad, da Arábia Saudita. "Naquele tempo, era difícil imaginar que iríamos tão longe. Alisson é o melhor goleiro do mundo. Fico muito feliz de ver aonde chegou. E tem tudo para manter, tanto no clube quanto na seleção. Ele é um craque, dentro e fora de campo", sentencia.

De Novo Hamburgo para Roma, o caminho foi árduo. No primeiro ano de Itália, apesar do bem-sucedido plano de evitar Buffon, Alisson acabou esquentando o banco para o polonês Wojciech Szczęsny — fato que preocupou Taffarel, uma vez que a Copa da Rússia se avizinhava. Quando tinha chance de atuar, porém, sobretudo nos torneios mata-mata, Alisson mostrava que era superior ao titular. E foi na Liga dos Campeões de 2017/2018 que Alisson se revelou para os romanos. Com partidas emblemáticas diante de Atlético de Madrid e Chelsea, além de eliminar o todo-poderoso Barcelona, o goleiro passou a ser reconhecido. "Ele chegou à Roma como um goleiro desconhecido para a torcida", afirma o jornalista gaúcho Diogo Rímoli, radicado na capital italiana há quatro anos. "Quando, enfim, teve chance, fez milagres na Champions e virou ídolo de uma torcida que acabara de perder Totti", acrescenta. Para Rímoli, porém, não foi apenas na bola que Alisson conquistou o coração dos romanos. "Ao contrário de Szczęsny, Alisson aprendeu a falar o idioma, esforçou-se muito para dar entrevistas como local e passou a se integrar à comunidade, frequentando restaurantes, saindo às ruas, aderindo à cultura da cidade. Isso também foi essencial para seu sucesso", pondera.

O zagueiro Juan Jesus foi contratado pela Roma quatro dias depois de Alisson. Eles tinham jogado juntos desde a adolescência, na base do Colorado. Juan já havia cumprido uma temporada de Itália, na Inter de Milão. "Se no primeiro ano jogou pouco, nos treinos a gente já sentia o drama de jogar contra. Era muito difícil passar por ele. Era chamado de 'monstro' pelo grupo. Quando

"QUERO SER A MELHOR VERSÃO DE MIM MESMO"

O camisa 1 do Liverpool conversou com PLACAR horas antes da confirmação do título da Premier League

Qual o segredo para seu rápido sucesso no Liverpool? Sabia que estava chegando a um clube de altíssimo nível, com um elenco já pronto, e que necessitava apenas de algumas peças pontuais. Fui contratado na esperança de que eu fosse uma dessas soluções. Sabia do potencial da equipe, mas, para ser sincero, não esperava ter resultados tão rápidos.

Pelos prêmios que já conquistou, acha que pode ser considerado um dos maiores goleiros formados no Brasil? Não penso muito nisso. Daqui a uns dez anos, quando parar de jogar, talvez isso possa ser cogitado. Tenho um caminho longo a percorrer. Cada grande goleiro da história do Brasil marcou a sua passagem. Taffarel marcou pelas Copas de 94 e 98. Dida ganhou tudo, de Brasileirão a Champions League. Marcos, consagrado pelo penta. Júlio César, um gigante na Inter de Milão e na seleção. Isso para ficar apenas nos goleiros de uma geração. Dependerá muito do que farei daqui para a frente. Quero, sim, ser a melhor versão de mim mesmo.

E o Liverpool, é o melhor time do mundo? O futebol é dinâmico. Mas, hoje, pelas nossas conquistas e pelo que demonstramos dentro de campo, acho que somos, sim, o melhor. Demonstramos com performance e com resul-

Taffarel e Alisson na seleção: o pupilo sonha em disputar três Copas

LUCAS FIGUEIREDO/CBF

PDF GRATIS

teve sequência de jogos, foi parar no Liverpool", brinca Juan. "A adaptação ao futebol italiano foi rápida, mas teve a mão do *(Luciano)* Spaletti *(então técnico da Roma, hoje na Inter de Milão)*, que exigia muito que ele atuasse com os pés. Queria fazer do Alisson um terceiro zagueiro para sair jogando. Após os treinos, o professor ficava um tempo extra com ele, montava 'goleirinhas' *(traduzindo do gauchês, 'travezinhas')* e jogavam os dois. Alisson pegou tanta confiança que, em seguida, já driblava e dava chapéu nos treinos", lembra o zagueiro.

Curiosamente, foi a eliminação da Roma justo para o Liverpool, nas semifinais da Champions 2017/2018, que o levou à Inglaterra. Alisson complicou ao máximo a vida de Jürgen Klopp, que jamais se esqueceu daquele duelo. Não demorou para que o treinador alemão pedisse a contratação do brasileiro. Afinal, o Liverpool acabara de perder a final para o Real Madrid — o goleiro da ocasião, Loris Karius, foi considerado o grande vilão daquela derrota, com frangos homéricos. No entendimento do treinador, Alisson era uma das peças faltantes para tornar aquela equipe a melhor da Europa. E bastou um telefonema de Klopp para que o goleiro, que também tinha oferta do endinheirado Chelsea, optasse pelos Reds. Na época, a transação de 72,5 milhões de euros (então 323 milhões de reais) foi a maior negociação de um jogador da posição — superado depois pela do espanhol Kepa Arrizabalaga, vendido pelo Athletic Bilbao ao Chelsea por 80 milhões de euros.

Já maduro, o goleiro encontrou em Anfield um time pronto para explorar todo o seu potencial. Além das defesas fundamentais para as conquistas da Liga dos Campeões, do Mundial de Clubes e, agora, do Campeonato Inglês, o jogo de Alisson com os pés atingiu "outro patamar". A ligação direta que culminou no gol do egípcio Mohamed Salah, na recente vitória por 2 a 0 no clássico contra o Manchester United, fez Jürgen Klopp sorrir de orelha a orelha e correu o mundo. Além disso, o titular da seleção foi fundamental para a conquista da Premier League — passando 21 jogos sem levar gol. Dos 62 jogos pelo Liverpool na Premier League desde a sua estreia, em 2018, Alisson já ficou 34 deles sem sofrer um gol sequer *(veja mais dados na pág. 15)*. O técnico alemão, que já disse que "se soubesse que Alisson era tão bom teria pago o dobro *(por ele)*", hoje certamente assinaria um cheque em branco para poder contar com o goleiro de Novo Hamburgo, um dos pilares, o número 1, do time campeão do mundo. ■

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

tados. Vencemos tudo o que um clube pode vencer. Isso demonstra não apenas o sucesso individual, mas o sucesso coletivo também.

Aos 27 anos de idade, você é um goleiro para pelo menos mais duas Copas do Mundo. Concorda? Eu sonho com isso. Mas penso no que posso alcançar no momento. Por enquanto, meu pensamento é me manter na seleção na próxima convocação. O próximo passo é a classificação para o Mundial do Catar. Daqui a duas Copas, eu não sei. Mas, na próxima, quero estar lá.

E o que se pode esperar da seleção a partir de agora? Nossa geração aprendeu muito na Copa da Rússia, ainda que tenhamos ficado longe do que pretendíamos. É claro que queremos ganhar no Catar, mas o caminho é longo. Sinto que estamos no rumo certo.

MESSI OU PELÉ?

Hum... A pergunta pressupõe uma única e sonora resposta para o torcedor brasileiro. Mas o craque argentino já encosta no Rei em gols marcados **Luiz Felipe Castro** e **Rodolfo Rodrigues**

O palco: Camp Nou, 30 de junho de 2020. Apesar das arquibancadas tristemente vazias em decorrência da pandemia do novo coronavírus, Lionel Messi, um recatado vocacional, sabia que a ocasião pedia algo mais pomposo. O adversário era o Atlético de Madrid e o jogo valia pontos preciosos na corrida pelo título espanhol. E então, de madeixas impecavelmente aparadas, veio um suspiro de concentração e o toque sutil: de pênalti, e não apenas de pênalti, mas com uma audaz "cavadinha", o genial atacante do Barcelona alcançou a espetacular marca de 700 gols em jogos oficiais. Fez história, e da história agora faz parte também o goleiro Jan Oblak, que por acaso deixara passar a bola de número 600 do argentino. Na comemoração, houve um estalar de dedos em referência ao personagem Thanos, da saga *Vingadores*. Super-herói, extraterrestre... Sobram adjetivos para o craque nascido em Rosário e consagrado na Catalunha, cujo talento inegavelmente justifica o debate: seria Messi o maior jogador de todos os tempos? O.k., antes que acusem PLACAR de exagero, cabe dar um pulo ao passado recente.

Na edição de maio de 2012, a revista pôs na capa o "duelo dos deuses" e uma frase provocativa: "pela primeira vez na história surge um jogador cujos feitos tornam possível uma comparação com Pelé". Naquele tempo, entre a Copa do Mundo da África do Sul e a do Brasil, Messi ainda estava estatisticamente distante do Rei, seja em número total de gols, seja na média de tentos por partida, seja na relevância de suas conquistas. Mas, como previu PLACAR, de lá para cá, e na contramão da trajetória de Pelé, o canhoto La Pulga alcançou o seu auge como artilheiro justamente na segunda metade da carreira e conseguiu equilibrar a disputa, ao menos em relação aos números. "Há oito anos, vislumbramos a possibilidade de que não seria tão absurdo comparar o Messi ao Pelé ao final da carreira do argentino. O tempo vem comprovando essa impressão", diz o jornalista Gian Oddi, autor da matéria, digamos, premonitória. Na ocasião, a estimativa era de que o 10 do Barcelona pudesse alcançar o maior de todos, ídolo do Santos e da seleção brasileira, em gols oficiais aos 37 anos, a mesma idade com que Pelé se aposentou, pelo New York Cosmos, dos Estados Unidos, anunciando ao mundo: *"Love, love, love"*. Agora, eis aí uma novidade retumbante, já é possível enxergar a façanha para o ano que vem, caso Messi mantenha sua altíssima média goleadora. É informação derivada de minucioso levantamento feito pelo repórter Rodolfo Rodrigues. Os números não mentem: com sete centenas de gols até o fim de junho deste inglório ano, Messi está a apenas 62 de Pelé na contagem que leva em consideração somente partidas oficiais *(acompanhe os dados ao longo desta reportagem)*.

Nem o mais chauvinista torcedor brasileiro seria capaz de negar a grandeza do argentino, o modo como carrega a bola colada aos pés, os passes elegantes, os golaços, a antevisão dos lances — e, claro, seu poder como finalizador. "Messi é o melhor camisa 9, o melhor camisa 10, 11, 5...", resumiu Pep Guardiola, o treinador que ajudou a moldar a faceta implacável do argentino no Barça — só em 2012 o rosarino marcou, sob a batuta de Pep, o recorde absoluto de 91 gols em um mesmo ano. O fato de ser, como Pelé, um jogador mais móvel e completo, arco e flecha, é o que o diferencia, por exemplo, de seu eterno antagonista, Cristiano Ronaldo. O matador português de 35 anos é tão

MONTAGEM SOBRE FOTOS VALERY SHARIFULIN/TASS/GETTY IMAGES E BETTMANN/GETTY IMAGES

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

BAO TAILIANG/CHENGDU ECONOMIC DAILY

O olhar melancólico e distante de quem vê a taça que ficaria com a Alemanha, na Copa do Mundo de 2014, no Brasil

vitorioso quanto — tem uma Liga dos Campeões a mais (5 a 4), títulos com sua seleção e apenas uma Bola de Ouro a menos (5 a 6) — e acumula mais gols (728), mas não costuma ser apontado como o número 1 com tanta frequência. Messi é, sim, quem mais se aproximou de Pelé, não apenas por seu talento, mas por sua longevidade.

O primeiro gol como profissional foi marcado em maio de 2005, contra o Albacete, num lindo toque por cobertura após assistência de... Ronaldinho Gaúcho, outro prodígio que fracassou na missão de superar o Rei, não por falta de talento, mas de constância. Casado com um amor de infância, Antonella, pai de três filhos, Messi é alheio a bebedeiras, festas e outras distrações. Mesmo franzino e caçado em campo, raramente se lesiona ou aparece fora de forma. Marcou mais de cinquenta gols em um mesmo ano nove vezes, nove!, incluindo os últimos seis. A título de comparação: Ronaldo e Romário só alcançaram o feito em um ano de suas carreiras, enquanto Ronaldinho, no período em que foi o melhor do mundo, 2004 e 2005, fez 23 e trinta, respectivamente. Pelé alcançou meia centena de bolas na rede em sete oportunidades — todas na primeira fase da carreira.

CADA VEZ MAIS PRÓXIMOS

Messi tirou o atraso antes mesmo do que prevíamos. Em 2012, PLACAR acreditava que o argentino viveria seu auge nas temporadas seguintes e depois sofreria uma queda natural ao se aproximar dos 30; com isso, só alcançaria o número total de gols de Pelé em jogos oficiais por volta de 2024. O craque do Barcelona, no entanto, manteve uma sequência altíssima de gols, sem lesões graves nem más fases, e já vislumbra igualar a marca do Rei em 2021. Hoje, a diferença é de apenas 62 bolas na rede, pouco mais que a média anual do gênio de Rosário nos últimos cinco anos (53,2). O levantamento de 2020 apresenta algumas modificações de critério em relação ao anterior: PLACAR desconsiderou os gols e o título de Messi em Jogos Olímpicos, torneio não reconhecido pela Fifa na conta oficial, e acrescentou 19 jogos e 14 gols de Pelé, válidos pela Primeira Fase do Paulistão de 1959, que entraram na conta da Federação

	Temporada	1	2	3	4	5	6	7	8	9
PELÉ	Ano	1957	1958	1959	1960	1961	1962	1963	1964	1965
	GOLS*	43	75	63	38	62	54	52	54	72
MESSI	Ano	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012
	GOLS*	0	3	12	31	22	41	60	59	91

*Foram considerados apenas o chamados "gols relevantes" – pela seleção, em jogos oficiais e amistosos; pelos clubes, apenas as partidas oficiais, em campeonatos, sem excentricidades como os jogos de Pelé pelas equipes do Exército ou da Guarda Costeira e as de Messi pelos times B e C do Barcelona

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

FOTOS MICHAEL REGAN/PA IMAGES/GETTY IMAGES; LEMYR MARTINS; ALEJANDRO/DEFODI IMAGES/GETTY IMAGES

Eleger o maior futebolista de todos os tempos, ainda mais comparando gerações tão distantes entre si, passa, claro, por aspectos altamente subjetivos, e pelo coração. Defensores de Messi dirão que o futebol atual é muito mais profissional, físico e exigente, de espaços para jogar reduzidos, com marcadores mais fortes e bem preparados. Já os súditos do Rei argumentam, com carradas de razão, que no passado havia maior equilíbrio entre os clubes e que, com gramados ruins, menos tecnologia e mais truculência (não existia cartão amarelo, por exemplo), era mais difícil se destacar. A frieza dos números levantados por PLACAR tem como propósito tornar o debate mais palpável e objetivo, mas, ainda assim, algumas considerações históricas se fazem necessárias. Para manter a isonomia, consideramos apenas os gols em jogos oficiais. O que não significa, porém, que não haja tentos relevantes entre aqueles excluídos de Pelé. O camisa 10 brasileiro tem, segundo suas próprias contas, 1 282 bolas na rede. Dessas, de fato, muitas são descartáveis, como aqueles gols marcados pelas Forças Armadas ou pelo Sindicato dos Atletas. Outras, porém, ocorreram em en-

PDF GRATIS
Clã PDF do Brasil
by ed word pdf

10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	TOTAL
1966	1967	1968	1969	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	
19	24	34	47	19	8	14	25	16	7	19	17	762 ✓
2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	
45	58	52	59	54	51	50	12**					700 ✓

**Gols contabilizados até 30 de junho de 2020

contros históricos, como um Real Madrid 5 x 3 Santos, no Santiago Bernabéu, em 1959, no único embate entre Pelé e Alfredo Di Stéfano, outro argentino a postular o trono de maior da história. Naquela excursão, a primeira do Santos celebrado como o grande time mundial, o Peixe goleou a Inter de Milão por 7 a 1 e o Barcelona do brasileiro Evaristo de Macedo por 5 a 1. Eram amistosos, mas valiam muito, para ambos os lados, bem diferente do que ocorre nos torneios de pré-temporada na Ásia ou nos Estados Unidos atualmente.

Outra prova de que não se deve beber do presente para medir o passado diz respeito ao peso das competições. Enquanto o Barcelona atual sonha em reconquistar a Liga dos Campeões após cinco temporadas, o Santos de Pelé tinha como prioridade — veja só — o Campeonato Paulista, cuja taça foi erguida

Resta aos argentinos decidir quem entre eles é o maior: o gênio do Barcelona ou o inigualável Diego Armando Maradona

ALESSANDRO SABATTINI/GETTY IMAGES

EQUILÍBRIO TOTAL NA IDADE DE CRISTO

Um dos diversos recordes de Pelé deve ser batido por Messi ainda em 2020: o de gols por um mesmo clube. O Rei fez 642 pelo Peixe, enquanto Messi tem 630 pelo Barça. O argentino desenvolveu sua faceta goleadora nos últimos anos e equilibrou todas as disputas. No levantamento de 2012, até 24 anos e 10 meses, Pelé levava ampla vantagem, mesmo tendo menos jogos disputados: o brasileiro somava 446 gols em 350 jogos (1,28 de média), contra 267 gols e 394 jogos (0,68 de média) do argentino. No recorte até 33 anos, "La Pulga" já tem mais gols, mas segue com média ligeiramente inferior

A CARREIRA DE PELÉ

Até 33 anos

	Santos	Seleção Brasileira	TOTAL
JOGOS	620	92	712
GOLS	617	77	694
MÉDIA	0,9	0,8	0,9 ✓

A CARREIRA DE MESSI*

Até 33 anos

	Barcelona	Seleção Argentina	TOTAL
JOGOS	724	138	862
GOLS	630	70	700
MÉDIA	0,8	0,5	0,8 ✓

* Até 30/6/2020

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

O PESO DA COPA

Desde o levantamento inicial, Messi teve duas chances para conquistar o troféu que lhe falta — e o que faz de Pelé um mito insuperável. O argentino bateu na trave na Copa do Mundo de 2014 ao perder a final para a Alemanha — tivesse conquistado a taça, ainda mais em solo brasileiro, possivelmente igualaria ou até superaria a idolatria de Diego Armando Maradona em seu país. Na Rússia, em 2018, o sonho terminou cedo, nas oitavas, contra a campeã França. Não há nem mesmo uma Copa América na conta para ajudar o *hermano*. Ainda que tenha sete títulos a mais no currículo na comparação de ambos aos 33 anos — em 2012, estava um caneco atrás —, Messi segue em desvantagem no quesito relevância dos feitos

RANKING PARCIAL — TÍTULOS ATÉ OS 33 ANOS

		PELÉ		MESSI	
Competição	**Valor**	*Títulos conquistados*	*Pontuação*	*Títulos conquistados*	*Pontuação*
Copa do Mundo	50	3	150	-	-
Mundial/Interclubes	25	2	50	3	75
Copa Libertadores	25	2	50	-	-
Liga dos Campeões	25	-	-	4	100
Brasileirão	15	6	90	-	-
Campeonato Espanhol	15	-	-	10	150
Torneio Rio-SP	5	3	15	-	-
Copa do Rei	10	-	-	6	60
Campeonato Paulista	10	10	100	-	-
Supercopa Espanhola	5	-	-	8	40
Supercopa Europeia	5	-	-	3	15
Recopa Mundial	5	1	5	-	-
Copa América	-	-	-	-	-
		27	460 ✓	34	440 ✓

* PLACAR também reviu seus critérios: unificou os títulos de Robertão e Taça Brasil como títulos do Brasileirão, seguindo o padrão da CBF, e subiu o patamar dos títulos estaduais, à época o torneio mais importante no calendário do Santos FC.

pelo Rei dez vezes. A Libertadores era relevante, mas, depois de conquistar a América em 1962 e 1963 e cair nas semifinais nos dois anos seguintes, em jogos controversos contra Independiente e Peñarol, respectivamente, o Santos abriu mão de disputar as edições de 1966, 1967 e 1969, mesmo estando classificado. "Os dirigentes achavam que não era interessante. Por questões financeiras, o Santos preferiu priorizar as excursões internacionais para conseguir bancar seus sete ou oito jogadores de seleção", recorda José Macia, o Pepe, parceiro de Pelé e autor de 405 gols pelo Peixe. Outros aspectos intangíveis, quase etéreos, pesam contra Messi, nem tanto na comparação com Pelé, mas sobretudo com um compatriota: Diego Armando Maradona. As críticas por supostamente não "sentir a camisa argentina" já são parte do passado. O recorde de setenta gols pela seleção e, sobretudo, gestos marcantes de emoção e comprometimento — como o choro desesperado ao desperdiçar um pênalti na final da Copa América perdida contra o Chile, em 2016 — foram valorizados de forma devida no vizinho argentino. Messi é, sim, um herói nacional, mas não um deus como Dieguito. "Leo é boa pessoa, mas não tem muita personalidade para ser um líder", contou o próprio Maradona, que dirigiu o herdeiro na Copa de 2010, a Pelé, em uma conversa vazada durante um evento publicitário, há quatro anos, em Paris. Mais do que liderança ou carisma, falta-lhe uma Copa do Mundo. Messi sabe disso e pode ter uma derradeira chance, aos 35 anos, no Catar. Até lá, a clássica e espirituosa frase de Pelé, que em outubro completa 80 anos, segue fazendo sentido: "Os argentinos primeiro têm de decidir quem é o maior entre eles", e só a partir dessa certeza tentar superar o Rei. Eis uma missão complicada, porque o tango argentino é infindável. ■

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

É TUDO OU NADA

O drama vivido pelo Santo André, time que fazia excelente campanha no Paulistão até a parada, é um triste retrato de como a interrupção foi ainda mais cruel com os pequenos

Alexandre Senechal

Dudu Vieira comemora o gol na vitória sobre o São Paulo: o volante trocou o líder do campeonato pela Ferroviária

MARCELLO ZAMBRANA/AGIF

De "história de Cinderela", como se costumam chamar as trajetórias positivamente surpreendentes de times com pouca tradição, o Esporte Clube Santo André entende. Afinal, foi dessa forma, há dezesseis anos, que o time do ABC paulista tornou-se conhecido. Em 2004, o Ramalhão calou o Maracanã ao superar o Flamengo por 2 a 0 na decisão da Copa do Brasil — gols de Sandro Gaúcho e Élvis —, tendo antes passado por times como Atlético Mineiro, Guarani e Palmeiras. Seis anos depois, o clube azul e branco encarou de igual para igual o Santos de Paulo Henrique Ganso, Robinho e Neymar na final do Campeonato Paulista — após dois resultados iguais, 3 a 2 para cada lado, o Peixe ficou com o título porque chegou à final com a melhor campanha. Em 2020, o conto de fadas esportivo parecia se repetir para a equipe andreense. Até a primeira quinzena de março, o time comandado pelo técnico Paulo Roberto Santos tinha o melhor retrospecto na primeira fase do Paulistão, com vitória sobre agremiações do primeiro escalão do futebol brasileiro, como o São Paulo, e sobre um renovado Red Bull Bragantino.

Mas então veio a pandemia do novo coronavírus. Contam-se nos dedos os times que não impuseram cortes de salário a seus funcionários e que estão pagando os atletas em dia. Se a realidade é dura para os ditos grandes do país, o que dizer do cenário de uma equipe que vive da mão pra boca, caso, inclusive, do Santo André? Sem competições para disputar no segundo semestre e com praticamente apenas uma fonte de receita, a dos direitos de TV, falar em campanha de título para o Ramalhão soa quase como um devaneio. "Meu contrato acabou no dia 7 de abril, como o da maioria do grupo. Não deram baixa na carteira, não fizeram a rescisão e estamos com valores a receber", desabafa o volante Nando Carandina, capitão da equipe em algumas partidas deste ano. "A situação fugiu do controle com o surto de Covid-19."

Não se trata de incompetência ou despreparo. As onze baixas sofridas pelo Ramalhão são de jogadores que aceitaram propostas de outros clubes ou que não chegaram a um acordo para renovar seu vínculo para além do mês de abril, quando o Paulistão deveria ter terminado *(veja como a pandemia afetou as outras equipes do estadual na pág. 27)*. Com o calendário indefinido, o Santo André preferiu adiar as contratações. As conversas sobre a remontagem do grupo eram, até o fechamento desta edição de PLACAR, todas informais. "Minha situação é bem parecida com a dos atletas. Um time da Série C me procurou, chegamos a conversar, mas exigia que eu me apresentasse até o fim do mês", diz o treinador Paulo Roberto Santos, um dos que decidiram não abandonar o barco mesmo sem garantia alguma. "Não fechei porque quero terminar o campeonato com o Santo André. A gente trabalha no primeiro semestre já pensando no período seguinte, mas essa paralisação atrapalhou a programação." A meta do Santo André era igualar a campanha de 2010 e chegar à final do estadual. Apesar da discrepância de tamanho em relação aos rivais, o objetivo do clube parecia um sonho possível, ao menos antes da eclosão do vírus. Agora, o tempo de inatividade serviu de freio de "desarrumação" e pode impor um cruel e inevitável choque de realidade ao time.

O Ramalhão não pôde manter o elenco empregado pois, sem atividade, sua renda vai quase a zero. A folha salarial mensal (que era de 486 000 reais antes da parada) é paga quase exclusivamente, reafirme-se, com o dinheiro da TV, fundamentalmente da Rede Globo — a

PDF GRATIS Cia PDF Brasil by red word pdf

MATHEUS LIMA/CIDADE CLUBE

Durante a parada, o Ramalhão perdeu quatro titulares: o volante Dudu Vieira (1), o goleador Ronaldo (2), o goleiro Fernando Henrique (3) e o zagueiro Luizão (4)

emissora promete quitar a última parcela do acordo cinco dias antes da final, que, evidentemente, não se sabe quando vai ocorrer. O time tinha direito a menor cota televisiva, ao lado de Inter de Limeira e Água Santa, clubes que subiram da A2, a segunda divisão paulista, no ano passado. "O contrato prevê um acréscimo no valor para cada ano de permanência na A1. Alguns critérios, como participação em competições nacionais e audiência, também contam, mas o crucial é o tempo de permanência", explica Sidney Riquetto, o presidente do clube. "Por isso digo que, para nos estabilizarmos, precisamos de quatro, cinco anos na elite." Outro ponto que torna ainda mais incrível a campanha obtida até agora diz respeito à estrutura. O Santo André não possui centro de treinamento. No início da preparação para o Paulistão, ainda no ano passado, os trabalhos eram realizados na sede social do clube, em um gramado que está longe do ideal e que nem sempre estava disponível — o elenco profissional tinha de disputar o espaço com os demais sócios. Em janeiro, o grupo viajou para Jacutinga, em Minas Gerais, para fazer uma pré-temporada, e teve condições melhores, mas durante a competição foi tudo improvisação. O Estádio Bruno José Daniel, onde manda suas partidas, é da prefeitura, que nem sempre liberava o espaço. A solução foi recorrer a empresas da região que têm campos para a recreação de seus funcionários (o Ramalhão faz a manutenção do gramado em troca do "aluguel" do espaço).

Tudo somado, resta uma incógnita, retrato do Santo André, sem dúvida, mas de boa parte dos clubes brasileiros: como será a reformulação com a retomada das partidas? "A relação entre os jogadores era muito boa, muitos já se conheciam e tinham jogado juntos", lembra Ronaldo, o artilheiro da equipe no Paulistão, com cinco gols, um deles contra o Corinthians, no empate em 1 a 1 em Itaquera. "Foi um gol prazeroso como qualquer outro, não teve um sabor especial", diz. A equipe que tinha "dado liga", como diz o jargão do futebol, ficou na memória. Quatro titulares se viram sem contrato durante a quarentena e fecharam com outras equipes. E a debandada poderia ter sido maior se o mercado não tivesse esfriado por causa da incerteza sobre a volta das competições no país.

"Tinha vontade de terminar, jogar os últimos dois jogos e pegar o Palmeiras nas quartas. A gente mostrou contra os outros grandes o que podia fazer. Agora nunca vamos saber o que poderia acontecer", afirma Ronaldo, que fechou com o Sport para a disputa do Brasileirão. O lamento do atacante tem outra razão. O artilheiro do time é natural da cidade e foi membro da torcida organizada do clube, a Fúria Andreense. Ele estava nas arquibancadas do antigo Palestra Itália no primeiro jogo da final de 2004 contra o Flamengo e só não foi ao Rio porque era atleta da base do Corinthians e tinha treino naquele dia.

O preparador físico Newton Martins de Carvalho, o Niltinho, chegou a preparar uma rotina de treinos para cada jogador repetir em casa durante a quarentena. Mas, a partir do segundo mês e sem uma data definida para o retorno, o próprio Niltinho ficou sem vínculo empregatício com o clube. Ainda assim, tentou dar sequência ao trabalho: gravou vídeos e os enviou no grupo de WhatsApp do time. "Mesmo sem contrato, a maioria participou. Dava para perceber que alguns atletas realizavam o treinamento em locais totalmente impróprios, sem espaço ou materiais", diz o preparador. "O grupo é

O artilheiro-torcedor Ronaldo, cinco gols no Paulista: ele vai jogar o Brasileirão no Sport

MARCELO ZAMBRANA/AGIF

DIVULGAÇÃO

A casa do Ramalhão virou hospital de campanha e o Santo André não poderá usar o Estádio Bruno José Daniel

muito guerreiro. Se fosse outro, teria largado." Nando Carandina conta que correu riscos ao realizar atividades físicas em quadras, campos e até num matagal de Araras, no interior de São Paulo. Guilherme Garré diz manter a forma em uma pista de corrida perto de sua casa, na capital paulista. "É muito mais fácil pegar o coronavírus na minha cidade do que concentrado, fazendo testes. O campeonato já poderia ter sido reiniciado", lamenta Nando.

Apesar do atraso nos salários — os jogadores receberam apenas 12% dos vencimentos de março e nada dos valores referentes ao mês de abril —, aqueles que ficaram deram um voto de confiança à diretoria, já que ela vinha cumprindo com as obrigações até a parada. Do elenco que começou a competição, restaram dezesseis jogadores. Paulo Roberto Santos diz que utilizará cinco atletas vindos das categorias de base e está atrás de outros quatro nomes para repor os titulares que saíram: o goleiro Fernando Henrique, o zagueiro Luizão, o volante Dudu Vieira e o goleador Ronaldo. Desde o último dia 30 o Santo André está concentrado na cidade de Vargem, próximo a Bragança Paulista, para respeitar o protocolo de isolamento social necessário para a volta das atividades. A princípio, o clube não poderá realizar seus jogos no Bruno José Daniel, cujo gramado abriga hoje um hospital de campanha. Se o discurso ainda é chegar à final, a grande meta é confirmar a classificação para a Série D de 2021 — são seis times "sem divisão" disputando três vagas. Para muitos, os regionais não valem muita coisa. Mas para os pequenos do Brasil, caso do bravo Ramalhão, o estadual é tudo ou nada. ■

DESMANCHE PÓS-CORONAVÍRUS

Entre os times que disputam o Paulistão, o Santo André só não perdeu mais jogadores que o Mirassol

ÁGUA SANTA
Nenhum jogador

BOTAFOGO-SP ■ 2 jogadores
Willian Oliveira e Didi

CORINTHIANS ■ 2 jogadores
Vagner Love e Pedrinho

FERROVIÁRIA ■ 7 jogadores
Euller, Patrick Brey, Carlão, Pablo, Henan, Caio Rangel e Rayan

GUARANI ■ 6 jogadores
Thallyson, Bady, Júnior Todinho, Vitor Mendes, Leandro Almeida e Juninho Piauiense

INTER DE LIMEIRA ■ 1 jogador
Thomaz

ITUANO ■ 5 jogadores
Jonas, Ricardo Silva, Yago, Minho e Keke

MIRASSOL ■ 17 jogadores
Claudinho, João Denoni, Romário, Marcelo Toscano, Neto Moura, Chico, Rafael Silva, Dellatorre, André Castro, Camilo, Diego Giaretta, Luiz Otávio, Ernandes, Carlos Renato, Maranhão, Tiago Alves e Paulo Roberto

NOVORIZONTINO ■ 10 jogadores
Jenison, Thiago Ribeiro, Felipe Marques, Higor Leite, Gustavo, Celsinho, William Formiga, Éverton Sena, Capixaba e Daniel Martins

OESTE
Nenhum jogador

PALMEIRAS
Nenhum jogador

PONTE PRETA
Nenhum jogador

RED BULL BRAGANTINO ■ 1 jogador
Pedro Naressi

SANTOS ■ 1 jogador
Evandro

SÃO PAULO ■ 1 jogador
Antony

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

O SOM DO SILÊNCIO

Os estádios estão vazios, mas as transmissões pela TV usam o áudio de velhas partidas (ou mesmo de videogames) para recriar a atmosfera da torcida e, assim, animar um pouco mais quem está vendo no sofá da sala

Gabriel Grossi

Para um time de futebol, uma das piores punições (se não a pior) é atuar com portões fechados: sem apoio nem vaias, fica faltando um pedaço. Para quem já acompanhou uma partida assim pelo rádio ou pela televisão, idem: é estranho só os gritos dos 22 jogadores ecoando pelo estádio vazio. Com a pandemia de Covid-19, é exatamente isso que temos para hoje, com jogos sem torcida. Afinal, distanciar-se de aglomerações é uma das poucas formas eficientes de evitar o contágio pelo vírus — e isso vale para os atletas, os funcionários, as equipes que precisam trabalhar durante o evento.

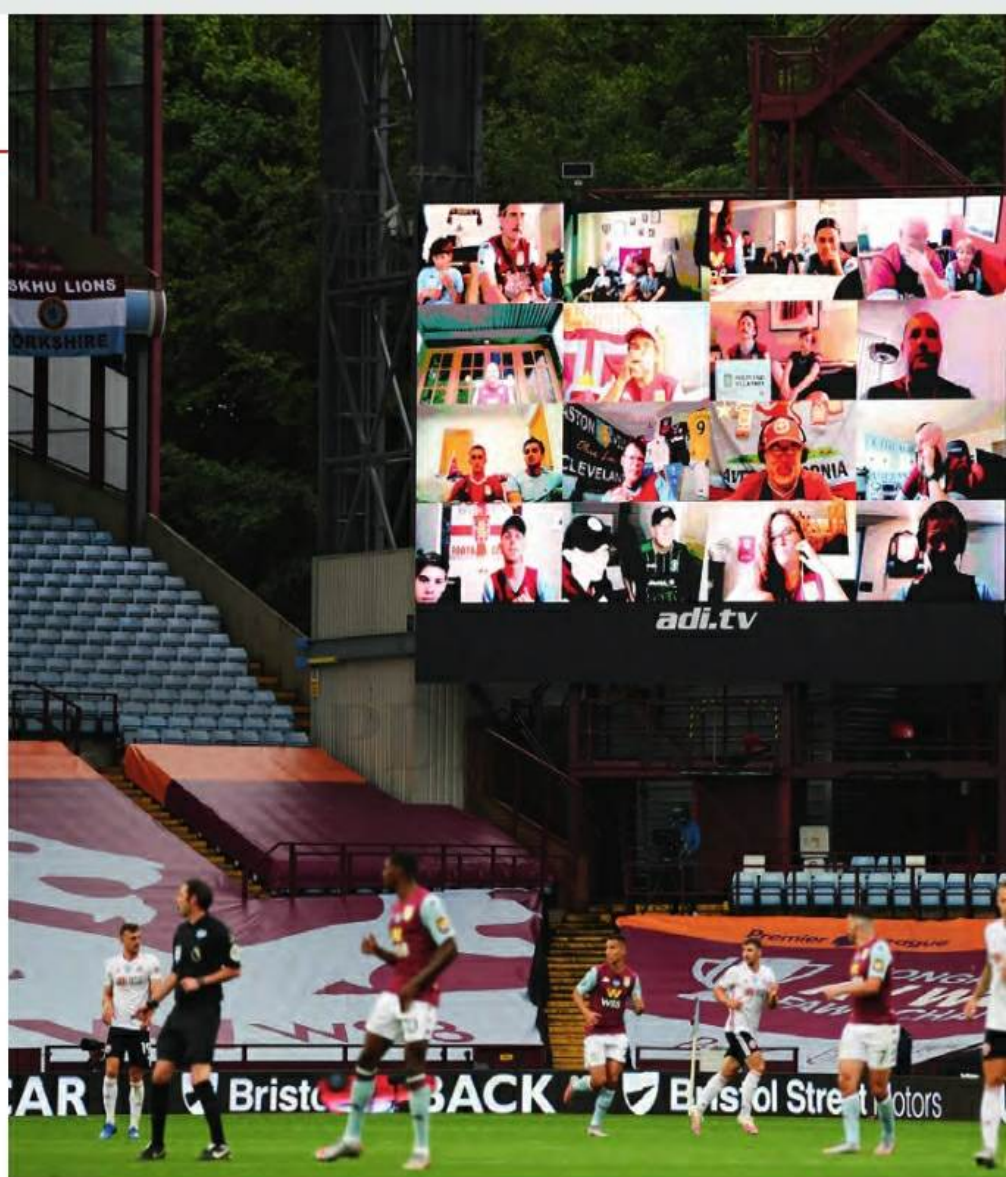
Quando o Campeonato Alemão foi retomado, as primeiras transmissões foram muito básicas: só as câmeras espalhadas pelo campo, com os microfones captando as conversas dos jogadores. Rapidamente, porém, começaram as novidades na telinha. Grandes lonas sobre as cadeiras que ficam mais perto do gramado, com o escudo do time dono da casa e frases de incentivo. Bonecos de papelão com fotos de torcedores. Bandeiras e faixas colocadas em locais estratégicos. Tudo para tentar diminuir a sensação de abandono.

Mas a grande mudança é mesmo no som ambiente. Em vez do silêncio, a reprodução do barulho das torcidas. Reportagem do jornal inglês *The Guardian* mostrou que a TV alemã recuperou o áudio da partida anterior entre os mesmos times para recriar a atmosfera. Em outros casos, foi usada a sonoplastia criada para o videogame *Fifa:* vaias, gritos de guerra, aquele grande "uuuuuhhhh" nos lances de perigo, a explosão na hora do gol. Atualmente, os responsáveis pela geração de imagem "têm mais de doze tipos de sons à sua disposição para pôr no ar durante o jogo", segundo a reportagem.

A nova rotina gerou alguma polêmica. "Precisa mesmo colocar esses ruídos falsos na transmissão?", questionaram jornalistas na Europa. Aqui no Brasil, Maurício Targino resumiu a indignação em seu blog: "Futebol e torcida foi a maior história de amor que a humanidade conheceu, mas esse romance acabou. Para sempre". Segundo ele, a retomada das partidas desnudará um incômodo modo. "O futebol não parou, mesmo tendo de sacrificar o que tinha de mais importante: a torcida. Talvez o futebol não morra sem a torcida. Mas sem ela todo jogo é pelada de firma", sentenciou.

As críticas parecem não ter sensibilizado os clubes nem as emissoras de TV, que investem — e lucram — milhões com as transmissões para o mundo todo. E vêm apresentando inovações praticamente a cada semana. Na retomada do Campeonato Espanhol, o Real Madrid (que passou a mandar suas partidas em seu campo de treino, o Estádio Di Stefano) colocou um enorme painel sobre parte das cadeiras, numa das laterais. Em casa, o que se vê são imagens de torcedores (no Santiago Bernabéu, antes da pandemia),

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

SHAUN BOTTERILL/POOL/AFP

Na volta do Campeonato Inglês, uma das principais novidades é o telão que mostra os torcedores em casa apoiando o time

como se aquela parte da arquibancada estivesse ocupada. Já o Camp Nou segue nu. Mas todos os times não apenas adotaram o esquema da sonoplastia como passaram a emitir o som das torcidas nos próprios alto-falantes, para que também os jogadores "sintam o clima", com a vantagem de que não há cantos racistas nem homofóbicos, como ocorre com grande frequência em toda a Europa.

Tornou-se uma espécie de consenso o fato de que o barulho é essencial para não deixar o espetáculo terrivelmente entediante ou, por que não dizer, deprimente. Há quem diga que tudo isso é mais uma distopia proporcionada pela tecnologia. Em tempos de hiperconexão, não é nada que se compare ao pânico provocado pela famosa transmissão radiofônica de *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, em 1938. Na época, muita gente ficou apavorada com a "invasão da Terra por alienígenas", sem perceber que o programa, comandado pelo jovem Orson Welles (que ficaria famoso com o filme *Cidadão Kane)*, era uma encenação, precursora das novelas de TV. Mas os truques eram os mesmos: sons imitando as naves espaciais, música selecionada para cada momento da trama etc. "Hoje, assistir aos jogos com torcida virtual na TV e se sentir confortável na farsa é a prova de como adoramos doces mentiras no lugar de amargar verdades", afirma o jornalista Sérgio Xavier Filho, que foi diretor de redação de PLACAR de 1999 a 2012 e hoje é comentarista do SporTV.

É fato que, do ponto de vista do conceito, a sonoplastia dos estádios pode ser comparada com aquelas risadas falsas de seriados como *Seinfeld* ou *Friends*. Seu objetivo é impedir que o espectador se distraia mais facilmente, ajudá-lo a se sentir confortável naquele ambiente tão familiar. O passo seguinte nessa direção foi dado pelos times ingleses. A volta do campeonato, marcou também o retorno do público (virtual, é claro) aos estádios. Como se vê na imagem que ilustra este texto, todos os clubes convocaram seus torcedores a conectar-se on-line na hora das partidas. Vários rostos aparecem no telão, à vista dos jogadores — mas todos sem som, para evitar qualquer problema na transmissão televisiva. Logo na primeira rodada teve comemoração de gol junto a esse telão.

Curiosamente, o *Guardian* mostrou que uma das principais mudanças do jogo nesse retorno é a redução da vantagem de jogar em casa. Antes da quarentena, os mandantes ganhavam 43,3% das partidas no Campeonato Alemão (com 21,9% de empates e 34,8% de vitórias dos visitantes). Pós-quarentena, os números mudaram para 21,7% para quem atua em seu estádio, 30,4% de empates e 47,8% para os times que não enfrentam a pressão contrária da torcida.

Aqui no Brasil, o primeiro jogo depois da parada foi o Flamengo x Bangu retratado na página 6 desta edição. A volta irresponsável, que obviamente podia ter esperado mais um pouco, não foi mostrada na TV nem via internet. Não teve público nem tampouco as inovações criadas para animar os espectadores dos campeonatos europeus. Foi só uma decisão precipitada mesmo — piorada pelo anúncio de que, no Rio, seria possível vender ingressos para até um terço da capacidade do estádio. Todos queremos ver os times em ação, mas com organização e protocolos eficazes, como na Europa. Do contrário, melhor ficar no sofá de casa e, por alguns momentos, tentar abstrair do fato de que o mundo foi virado de cabeça para baixo por um vírus e curtir o futebol.

O jornalista Álvaro Almeida, que foi redator-chefe de PLACAR nos anos 1990, resume bem o espírito: "Todo mundo está trabalhando para fazer com que as transmissões fiquem mais tecnológicas. No início, os jogos pareciam mais estranhos, mas vamos nos acostumando com essa nova realidade. Algumas partidas continuarão sendo ruins e outras, muito boas. Mesmo sem a torcida ao vivo". Para ele, na hora do vamos ver o que vai prevalecer mesmo é a qualidade técnica. "Nas finais da Champions, por exemplo, o mais importante será o desempenho dentro das quatro linhas." Até porque, com os jogos previstos para ser realizados em Lisboa, na segunda quinzena de agosto, todos os times serão "visitantes", atuando em estádios vazios. ■

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil
by ed word pdf

ZICO ABRE SEU MUSEU

Impedido de voltar ao Japão em razão do novo coronavírus, o Galinho fala a PLACAR sobre os rumos do futebol brasileiro, a ótima fase do Flamengo e a carreira de youtuber

Alexandre Salvador

Atual diretor do Kashima Antlers, clube pelo qual marcou época no Japão, Zico veio ao Brasil no fim de fevereiro para fazer exames médicos de rotina. Em razão da pandemia e do fechamento das fronteiras imposto pelo governo japonês a mais de 100 países, entre eles o Brasil, o eterno camisa 10 da Gávea acabou passando férias forçadas no Rio. "É a primeira vez em toda a minha carreira que fico em casa por mais de três meses", ri. Como boa parte de todos nós, ele aproveitou o tempo para fazer manutenção em sua casa. Só não teve tempo ainda de organizar a seu gosto um quarto muito especial: a sala onde guarda com carinho todos os troféus, láureas e fotos. Camisas? "Tenho só umas 1 000. Mas não minhas, são de troca!", pondera. E de algumas relíquias o craque não conseguiu abrir mão: a camisa de mangas longas usada na final do Mundial de Clubes ("a única que vesti com meu nome nas costas") e o uniforme rasgado por um adversário durante a final da Libertadores contra o Cobreloa. Em uma manhã de folga dos afazeres domésticos, Zico recebeu a reportagem de PLACAR, respeitando com louvável bom senso as recomendações de distanciamento mínimo, em seu confortável refúgio na Barra da Tijuca. A seguir, os principais trechos da conversa.

"O futebol poderia servir de exemplo para a sociedade, mas não o fez. Perdeu a chance"

Você é o maior artilheiro do Maracanã (333 gols). Como se sentiu ao ver Flamengo e Bangu disputando uma partida pelo Campeonato Carioca bem ao lado de um hospital de campanha? É preciso respeitar as pessoas. Tendo jogo ou não, as pessoas que morreram não deixariam de morrer, infelizmente. Mas a simbologia é muito forte. Se a Federação mandou abrir *(o campeonato)*, o prefeito tinha de falar: "Quem manda aqui sou eu, não vai ter e acabou". Não era o ideal. Foi um jogo que só acarretou problema, polêmica. Ninguém sabe como foi a partida, nem fala sobre a felicidade de estar voltando. No dia seguinte, o Boavista jogou e ninguém soube.

Mas o Flamengo foi o clube que trabalhou de forma mais enfática pela volta apressada. Concordou com essa postura? O Flamengo tem todas as condições de suporte, um protocolo muito bem fundamentado, sendo usado para treinamento. É uma situação diferenciada, que está utilizando as mesmas condições do Kashima, por exemplo. Não são todos os clubes que po-

Cia PDF do Brasil by edword.pdf

ALEXANDRE BATTIBUGLI

dem oferecer essa situação a seus atletas. Então, a competição fica desnivelada, pois existem clubes que podem e outros não.

É plausível a ideia de pôr novamente torcedores nas arquibancadas? Eu, particularmente, não gosto de jogos sem torcida. Nem vejo. Mas se tiver de trabalhar... Eu já trabalhei nessa situação, uma pelo Fenerbahçe *(da Turquia)* e outra pela seleção japonesa. É horrível. Não paro em frente à televisão para ver jogo sem público.

Quando olharmos de volta para 2020, qual será o peso histórico desse estadual? Nenhum. O estadual serve só para colocar os caras para jogar, para ganhar ritmo de jogo. O estadual é quase uma satisfação para a torcida. Infelizmente, não é um título tão importante. Agora, o peso do Brasileiro é outro, se não houver paralisação, terá o impacto de sempre. E os times que já estão entrosados, como Flamengo e Palmeiras, vão continuar sendo os favoritos.

Zico exibe a camisa histórica usada na partida contra o Liverpool em 1981: cinquenta anos de história em milhares de objetos

O que você acha da forma como o Brasil está lidando com a pandemia? Cada um olhou para o seu lado e pensou em uma situação que lhe fosse favorável. O caminho da cautela deveria ter sido seguido, mas esse comportamento nunca foi comum no meio do futebol. Mas pelo menos São Paulo deu um grande salto. No Rio de Janeiro, infelizmente, não tivemos isso. O futebol poderia servir de exemplo para a sociedade, mas não o fez. Mais uma vez, tristemente, perdeu a chance.

GRATIS Cia PDF do Brasil by ed word pdf

Desculpe a insistência, mas você concordou com essa postura? Ah, cara, é muito difícil responder a isso, saber as razões disso tudo ter acontecido. Daqui de fora, falar alguma coisa, sem saber a razão exata, é complicado. Acho que a falta de união dos clubes e a falta de liderança nessa área fizeram com que as pessoas tomassem decisões individuais. Esse é o problema. Julgar de fora é fácil. Mas, quando não se vê uma liderança para uma situação calamitosa como foi a da pandemia, cada um tenta resolver à sua maneira os problemas que aparecem. É ruim. Se o presidente do Flamengo e o do Vasco estivessem lá em Brasília como representantes de um todo, a voz de todo mundo, seria melhor. Mas não foi o caso, cada um está puxando para seu lado. Não estou de acordo com isso.

O Flamengo é conhecido como "o mais querido" clube do Brasil. A postura um tanto arrogante da diretoria pode afetar essa imagem? É o mais querido por causa da sua torcida. E ela pouco tem a ver com as atitudes que os dirigentes tomam. É bom a gente separar isso. Os dirigentes já tiveram o momento de ser o diabo. Quando o Flamengo estava por baixo, todo mundo não sacaneava? Falavam que o Flamengo não tinha bola para treinar, que não pagava em dia, que os jogadores fingiam que jogavam. É fácil atirar pedra no telhado de vidro quando se está ganhando tudo. O clube se organizou, coisa que os outros não fizeram. Então, o Flamengo tem mais é que usufruir isso. Sem pisar em ninguém, sem ultrapassar os limites dos regulamentos, da ética, do que diz o estatuto.

Em sua visão, qual a necessidade mais urgente do futebol brasileiro? O Brasil é o único país relevante do futebol onde não existe uma liga independente. Os clubes ficam sempre à mercê da CBF ou de federações. Para que isso? Não há a necessidade de uma federação estadual. Ela só deveria existir para gerir campeonatos regionais, de bairro. No profissionalismo, o modelo é a liga. O problema é que aqui, se o presidente da liga for alguém com relações com um determinado clube, vão falar que foi criada para favorecer A ou B. A desconfiança é tão grande que vão usar esse argumento. Isso parece novidade, mas um dos melhores momentos do Campeonato Brasileiro aconteceu lá atrás, em 1987: a Copa União. Quando a CBF viu que deu certo o que os clubes propuseram, foi lá e tomou o controle de volta. Na minha cabeça não entra o fato de ver clubes pobres e federações ricas, e a Confederação milionária.

"Sempre falei aquilo que penso, contra ou a favor. Vou levar porrada e dar porrada"

Durante a pandemia, quem trabalha no futebol está mais seguro ficando em casa ou no CT? É também uma questão mental. Quanto tempo você acha que eu fico dentro da minha casa, como estou agora? Foram cinquenta anos levando porrada, trabalhando para construir essa p... toda aqui. É a primeira vez na vida que estou três meses em casa, com a minha mulher, nós dois, todos os dias. Aproveitando, curtindo, tomando café, usando a piscina, jogando bola com os netos. Vou para a minha academia doméstica, cuido das plantas, do cachorro. Hoje não tenho dúvida de que todo mundo, antes de chegar a um restaurante, vai lavar as mãos. É educação. Eu acho que isso tudo vai dar uma conscientização maior a certos atos que deveriam ser feitos.

Mas nós aprendemos mesmo? Mal saímos do pico da pandemia e a praia já está lotada, como

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

FOTOS ARI GOMES, J. B. SCALCO, GIUSEPPE CALZUOLA, PIER GIORGIO BAVELLI, ARQUIVO PLACAR

Zico no Maracanã (1), já na segunda passagem pelo Flamengo; o golaço de puxeta (2), contra a Nova Zelândia, na Copa de 1982; nos tempos de Udinese (3), ao lado de Paulo Roberto Falcão; erguendo a primeira Bola de Ouro da carreira (4), em 1974; ídolo no Japão, o Galinho treinou a seleção asiática (5) entre 2002 e 2006; com o amigo Sócrates (6), ídolo dos anos 80

se tudo estivesse numa boa... É preciso ter um manual, uma atividade firme de conscientização na TV. Gastar dinheiro com publicidade, com as escolas. Pagar bem aos professores para que eles possam ensinar também sobre higiene.

Seu canal no YouTube passou da casa de 1 milhão de inscritos. Como você administra esse conteúdo? Tenho uma equipe, formada por mim, meu filho Bruno, que é o que mais me representa, e meu sócio. No canal é o entrevistado quem fala. Não gravo vídeos pela polêmica. Quero que o cara venha e fique feliz de estar conversando comigo, de contar a sua história de vida. Anteontem, fiz um vídeo com o Bruno Henrique. Ele pode ser um exemplo para muita gente. Quantas vezes na história do futebol vimos um cara com 29 anos, saído de um campeonato de pelada, tendo o sucesso que tem hoje? O Sócrates foi um, mas ele estudava medicina. O Bruno Henrique, não. O futebol era a única coisa. Isso é um exemplo do c....

Falta essa leveza, esse tipo de sinceridade na cobertura atual do futebol pela imprensa tradicional? Hoje, a imprensa, infelizmente, está muito voltada para a confusão, para a fofoca. Por isso que os jogadores não falam mais. Vão falar para a Fla TV, para o canal próprio, pois não querem confusão. O Bruno Henrique me deu uma baita entrevista. A primeira coisa que os caras puseram na internet foi: "O Vasco é meu freguês favorito". Ele falava dos grandes rivais.

Há uma permanente cobrança para que os atletas se posicionem mais firmemente nas questões políticas, como fez o Lewis Hamilton contra o racismo. O jogador hoje tem medo de falar? Tem receio da repercussão instantânea das redes sociais? Acho que há um receio muito grande. Os próprios clubes proíbem. Isso às vezes está até no contrato. Mas eu nunca tive essa postura. Fui presidente de sindicato na época que estava na seleção. Sempre falei aquilo que penso, contra ou a favor. Vou levar porrada e dar porrada. Lá atrás, fui contra a criação da Copa do Brasil, chamei de caça-níquel. Fiquei sozinho em muitos lugares com essa briga com o Ricardo Teixeira. Fui o primeiro a brigar com ele. Ele me processou e perdeu de 11 a 0. Não teve coragem nem de mandar um advogado.

E hoje? Vou me envolver com mais alguma coisa? Sou dirigente do Kashima, mas não vou me envolver, não quero mais saber. Problema do jogador. Ele que tem de resolver. Quando eu era presidente do sindicato, atuei. Os caras de agora é que têm de resolver. Tem de vir gente com outra cabeça.

Teve aquela tentativa do movimento Bom Senso, que dizem que não vigorou porque faltou união na classe... Claro, porque alguns começam a levar porrada, a ser prejudicados em seu clube. Todo mundo fica com receio. Eu era jogador, ídolo do Flamengo, e fazia isso.

No passado recente, você até cogitou uma candidatura à presidência da Fifa. Ainda tem alguma pretensão de ocupar cargo desse tipo? Nenhuma.

Por quê? Porque passou, tudo passa na vida da gente. Estou trabalhando como diretor técnico. Toparia fazer consultoria, mas trabalho mais pesado nessas coisas, não. ■

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil
by ed word pdf

BONS EXEMPLOS NA QUARENTENA

Jogador de futebol aos poucos deixa de ser sinônimo de postura alheia à realidade. Muitos deles defenderam o isolamento social durante o surto e gritaram contra o racismo **Danilo Monteiro**

A quarentena imposta pelo novo coronavírus pôs à prova um famoso provérbio popular. Entre os boleiros, houve quem atestasse que "cabeça vazia" é, de fato, "oficina do diabo" — haja vista os vergonhosos exemplos de jogadores que furaram as recomendações de isolamento social neste período crucial para a saúde pública mundial. Felizmente, os bons exemplos que emergiram em meio à pandemia apareceram em maior número e, claro, merecem mais destaque. Como explicou Zico em entrevista a PLACAR *(leia na pág. 30)*, quase sempre os atletas são avessos a posicionamentos polêmicos. Nem sempre por opção ou simples alienação. A exigente rotina dentro de um grande clube costuma manter os atletas completamente imersos na realidade paralela da bola. A crise da Covid-19, porém, ajudou a mostrar a relevância e o alcance do posicionamento dos esportistas.

Se os atos dos jogadores durante a pandemia fossem equivalentes a gols, Marcus Rashford, do Manchester United, mereceria o Prêmio Puskás. Na Inglaterra, o atacante conseguiu reverter uma decisão atrapalhada do governo de Boris Johnson, que cortaria verba para alimentar crianças carentes durante as férias escolares no país. O golaço do camisa 10 dos Diabos Vermelhos começou com a divulgação de uma carta em suas redes sociais, posteriormente enviada ao Parlamento, na qual pedia bom senso em meio a tempos tão difíceis. "Isto não é sobre política: é sobre humanidade. Não podemos concordar com a ideia de crianças irem para a cama com fome", afirmou o jogador de 22 anos. Pressionado, o primeiro-ministro inglês recuou e aprovou um fundo de 120 milhões de libras para a distribuição de alimentos às crianças carentes. O "lance" de Rashford foi comemorado até mesmo por clubes rivais, como Liverpool e Manchester City.

Em paralelo ao surto do vírus, em evento de proporções ruidosas,

IGOR JULIÃO, do Fluminense: contra a volta apressada do futebol, a favor da democracia brasileira

ALEXANDER-ARNOLD, do Liverpool: marcou o *Black Lives Matter* nas chuteiras e as leiloou em prol da Fundação Nelson Mandela

PDF GRATIS Brasil

MARCUS RASHFORD, do Manchester United: driblou o primeiro-ministro inglês e marcou um golaço contra a fome

VISIONHAUS/GETTY IMAGES

EVERTON RIBEIRO, craque do Flamengo: usou sua visibilidade para uma causa maior que a bola

TCHÊ TCHÊ, volante do São Paulo: de máscara, saiu de casa contra o racismo

FOTOS LUCAS MERÇON/FLUMINENSE F.C., SHAUN BOTTERILL/GETTY IMAGES, KAIO LAKAIO, ALEXANDRE SCHNEIDER/GETTY IMAGES

o assassinato de George Floyd na cidade de Minneapolis, nos Estados Unidos, foi rastilho de pólvora para uma série de manifestações globais contra o racismo. A revolta alcançou também o futebol. Tchê Tchê, volante do São Paulo, foi às ruas da capital paulista para protestar. Dois meses antes, o jogador de 27 anos já havia contado ao canal de TV do clube que seus sonhos iam além do futebol: *"(Queria)* que não houvesse pobreza nem racismo. Que todos fossem tratados de maneira igual". O flamenguista Everton Ribeiro emprestou sua conta no Instagram, seguida por 3 milhões de pessoas, a vozes de peso no combate ao preconceito.

O basta dado ao racismo foi a tônica no retorno do futebol na Europa. Após o apito inicial, a bola não rola na Premier League antes de os jogadores, árbitros e comissão técnica se ajoelharem pedindo igualdade racial. No jogo entre Everton e Liverpool, o lateral-direito Trent Alexander-Arnold calçava chuteiras personalizadas com a inscrição *Black Lives Matter* (Vidas Negras Importam) — o jogador ainda leiloou o par em prol da Fundação Nelson Mandela.

No Brasil, uniram-se às manifestações antirracistas aqueles que clamavam pelo cuidado com a jovem democracia do país. Foi nesse contexto que surgiu o movimento batizado de Esporte pela Democracia. Nomes como Casagrande, Grafite, Raí, Tostão e Igor Julião, o lateral-direito do Fluminense, estão na lista de participantes. Igor se posicionou ativamente nas redes sociais contra posturas autoritárias e a favor do isolamento social durante a pandemia. São atitudes que, de algum modo, ecoam o comportamento do mais ativo dos grandes craques brasileiros, Sócrates, personagem de uma reportagem desta edição de PLACAR *(leia na pág. 44).* ■

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil
by ed word pdf

EDIÇÃO: GABRIEL GROSSI

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

DIVULGAÇÃO

PEDRO LINS

SÉRGIO SADE

LUIZ PEREIRA

AP

JOSÉ PINTO

O VAR!

O quebra-cabeça Football History se arrisca em uma representação do jogo em uma única imagem e 3 000 peças. Boa parte dos eventos envolve alguma controvérsia, o que nos leva a pensar: o que seria de nós e da memória afetiva do futebol sem a mãe do juiz e a do bandeirinha?

Tato Coutinho/ Agência Grama

Antes mesmo de ser varrido do mapa, na dissolução simbólica que tem na pandemia do coronavírus seu paroxismo, o futebol já vinha sendo arruinado em essência como a classe trabalhadora ou a crônica esportiva. Sim, arruinados, se pensarmos na legião de entregadores de bicicleta sem nenhuma proteção além de uma máscara sanitária, na míngua de Jucas e Tostões refletindo sobre o que acontece antes ou depois dos noventa minutos regulamentares ou na próxima Copa do Mundo, em 2022 — no Catar, em novembro, não em julho, para não derreter os jogadores no calor do verão no Oriente Médio.

É futebol, claro, mas de que futebol estamos falando? O quebra-cabeça Football History, do fabricante alemão Heye, oferece uma perspectiva divertida para essa discussão no contexto do distanciamento social.

Lateralmente por trazer o futebol para o centro de uma atividade quase sem nenhuma afinidade com ele, mas hoje "absolutamente essencial" — na definição do primeiro-ministro da Austrália, Scott Morrison. E principalmente ao propor uma espécie de cânone que não nos deixe nos afastar demais dos elementos estruturantes do futebol em tão longo período sem jogos ao vivo, com narradores e comentaristas transmitindo clássicos de quarenta ou cinquenta anos atrás como se fossem hoje, promovendo um borrão semiótico que envolveu até mesmo a Fifa num raro momento de criatividade em suas redes sociais — um clipe que simula como teria sido a cobertura da #copadomexico1970 se houvesse Twitter, Instagram e YouTube.

No que diz respeito à questão lateral, em primeiro lugar, o encaixe futebol-quebra-cabeça é perfeito, apesar do aparente conflito entre uma prática coletiva explosiva e

SEGUE O JOGO Luis Suárez fez uma das defesas mais espetaculares da Copa de 2010, no último minuto da prorrogação nas quartas. Expulso, veria o Uruguai avançar com os três pênaltis perdidos por Gana. O francês Thierry Henry também usaria a mão no passe para o gol que desclassificaria a Irlanda nas eliminatórias. Por que gostamos da ousadia de Suárez, mas não da dissimulação de Henry, tem a ver com a natureza subjetiva do jogo. A defesa de Banks na testada de Pelé na magra vitória contra a Inglaterra em 1970 é prova de que nem só de gol vive o futebol

SANGUE QUENTE Mourinho perde a cabeça na derrota do Real para o Barcelona na final da Supercopa da Espanha em 2011 e enfia o dedo no olho de Tito Vilanova. Cantona não gosta do que ouve ao ser expulso em empate do United contra o Crystal Palace e voa pra cima do falastrão adversário. Impaciente, Hazard bica o gandula que prende a bola nos últimos minutos da desclassificação do Chelsea para o Swansea na Copa da Liga em 2013. O futebol tem dessas coisas...

POLÊMICO Diferenciando-se do VAR, o chip na bola representa o uso inteligente da tecnologia em campo. Indiscutível, teria invalidado o quarto gol da Inglaterra na vitória sobre a Alemanha na final de 1966 — não entrou. A alegria de Kempes, craque maior da Argentina no Mundial de 1978, se tornaria a cara daquela final memorável contra a Holanda. Pelé trocando a camisa com Bobby Moore, no México em 1970, transformaria um súdito da rainha da Inglaterra em súdito do futuro rei do futebol. Rocky Balboa de goleiro? Proeza de John Huston no clássico *Fuga para a Vitória*

DRAMÁTICO Dublê de goleiro e prêmio Nobel (1957), o franco-argelino Albert Camus dizia que o futebol e o teatro foram suas "universidades". Onde viver o drama da vida em maior intensidade? A vingança de Maradona contra os ingleses (Malvinas/Falklands) com a ajuda da "mão de Deus" em 1986. Torcedor é içado para a vida no desastre em Hillsborough (96 mortos), em 1989. Faixas lembram a tragédia de Heysel (39 mortos), em 1985, e o acidente aéreo com a Chapecoense (71 mortos), em 2016. É com você, Galvão!

outra tão ensimesmada, de baixíssimo impacto físico. Aqui é preciso compreender o futebol em sua dimensão mais envolvente, a tragar mesmo quem nunca pisou num estádio, aquela em que o melhor nem sempre vence, em que é possível ser feliz na derrota, em que o pior cego é aquele que só vê a bola. Como nas crônicas de Nelson Rodrigues, e em toda boa representação de um objeto representado, o futebol emerge da busca por uma pecinha que destrava um problema de espaço e encaminha o passo seguinte a iluminar uma área maior do conjunto até que o todo se complete — gol! Se não é isso o futebol, nas entrelinhas de um quebra-cabeça, avancemos à questão principal.

Ah, sim, o primeiro-ministro da Austrália. Scott Morrison surpreendeu a opinião pública de seu país ao anunciar em março as regras para o *lockdown* e as justificativas consideradas "o.k." para flexibilizá-lo. "Nossos filhos estão em casa agora, assim como a maioria das crianças, e Jenny *(sua mulher)* saiu ontem para comprar *a hole bunch of jigsaw puzzles (um montão deles, em português, mas em inglês é mais dramático)*", declarou na coletiva de imprensa com um sorrisinho cúmplice. "Posso garantir que nos próximos meses vamos considerar esses quebra-cabeças absolutamente essenciais." Estou com ele.

Em relação à questão principal, a síntese de uma história de mais de 150 anos em uma única imagem, é preciso fazer uma ressalva antes de seguirmos adiante — o ilustrador Alex Bennett, 39 anos, é inglês de Watford, cidade a vinte minutos de trem de Londres. "Vou aos jogos do Watford desde os 5 anos de idade", orgulha-se ele em entrevista por e-mail a PLACAR. "Estamos na Premier League desde a temporada 2015-2016." A referência ajuda a pôr em perspectiva

CADÊ? Aqui, chama atenção o que não se encontra: aos pés do jogador 29 do Stjarnan FC, na hilária comemoração *"catching a fish"* (vale pescar no YouTube), foi apagada a figura de Neymar cavando uma falta contra a Suíça em 2018, na Rússia. Esta é a versão enviada ao mercado brasileiro... Mas estão aqui, entre outros, a seleção de 1958, Beckenbauer em 1970, Johan Cruyff em 1974, Tardelli em 1982, Roger Milla em 1990, Dunga em 1994, Götze em 2014 e George Best, Raúl, Balotelli, Kaká, CR7, Pickles e... Peter Crouch!

a evidente anglofilia da seleção de mais de 500 episódios em 3 000 peças, impecável em sua idiossincrasia, senão por um único — e deliciosamente discutível — deslize interpretativo. Já falaremos dele.

PLACAR — Como você selecionou os episódios?
Alex Bennett — De várias maneiras, mas principalmente a partir do meu próprio conhecimento e memória. Abri uma consulta no Twitter e no Facebook para que o público também pudesse sugerir os lances.

Como escolheu o momento em que as cenas foram representadas? A maioria dos lances foi fotografada de vários ângulos. No entanto, em muitos casos assisti inúmeras vezes aos clipes no YouTube, para garantir a fidelidade dos corpos na posição correta.

Há algum evento que você tenha desenhado de cabeça, apenas a partir da memória? Há algumas coisas que provavelmente não mereciam estar ali, mas porque são importantes para mim eu as incluí! Por exemplo, há um torcedor vestindo a camisa do clube de futebol juvenil pelo qual disputei muitas partidas. Joguei pelo Hertfordshire dos 14 aos 16, cheguei a enfrentar alguns jogadores que se tornariam profissionais. Uma vez ganhei uma disputa de cabeça contra Peter Crouch *(centroavante com passagens pelo Tottenham, Liverpool e pela seleção inglesa, famoso por seus 2 metros de altura)!*

Cia PDF do Brasil by edword pdf

Está explicado por que Peter Crouch aparece em destaque executando a sua dancinha do robô. E por que tantos momentos da liga inglesa nas dezesseis seções a organizar os lances a ser caçados à maneira de "Onde está Wally?" — "Gols, gols, gols", "Celebrações famosas", "Faltas & Contusões", "Controvérsias" etc. Como resultado, a diversidade geofutebolística se vê praticamente relegada a eventos na Copa do Mundo. Há muitos jogadores brasileiros, claro, mas sempre associados à seleção — com exceção de Ronaldinho Gaúcho, fazendo o seu hang loose com a ca-

misa do Flamengo (apesar de apontado como jogador do Milan), e Túlio Maravilha, com a camisa do Botafogo "celebrando a marca de 1 000 gols" (estabelecida quando jogava pelo Araxá, de Minas Gerais).

Sim, eu sei, mas são justo lances como esses que tornam o futebol o futebol e o quebra-cabeça tão representativo do que ele pode ser — o que dele se deposita em nós e nos define como torcedores é essencialmente subjetivo, à prova de VAR. Eleja um colegiado dos cronistas de hoje para a tarefa a que Bennett se entregou e teremos uma lista previsível como um gol de pênalti. Pelé está aqui na testada defendida por Gordon Banks e trocando camisas com Bobby Moore no jogo contra a Inglaterra em 1970, Beckenbauer também, com o ombro imobilizado nas semis contra a Itália no México, e Mario Kempes comemorando o seu segundo gol contra a Holanda na conquista do título em 1978, e um desolado Roberto Baggio depois de isolar o pênalti do "teeeeeeetra, é teeeeeeeeeetra" — sim, Galvão Bueno também tem o seu lugar ao sol. Johan Cruyff, George Best, doutor Sócrates, Messi, CR7 e os craques de ontem e hoje também estão. Assim como os desastres de Hillsborough e Heysel, nos anos 1980, e Pickles, o cachorro que desenterrou a Jules Rimet roubada na Inglaterra em 1966, e Neymar rolando no chão contra a Suíça em 2018 — na versão enviada ao mercado brasileiro, a cena foi cortada para não ferir suscetibilidades. Até aqui, tudo morno e previsível como a página de esporte na segunda-feira.

O jogo fica mais solto quando Bennett se volta ao que o fez resgatar Peter Crouch do *fog* inglês. E se entrega às controvérsias que nos fazem amaldiçoar a mãe do juiz — o de campo, não os dedos-duros da salinha refrigerada. Entram em cena José Mourinho "furando" o olho de Tito Vilanova, então assessor de Pep Guardiola, à saída de um Real Madrid e Barcelona em 2011, a cabeçada de Zidane em Materazzi na Alemanha em 2006, a voadora de Cantona num hooligan do Crystal Palace em jogo contra o United em 1995, a comemoração do golaço contra a Grécia nos Estados Unidos, que levaria Maradona a ser banido da Copa por doping, e, claro, sua "mão de Deus" no México em 1986.

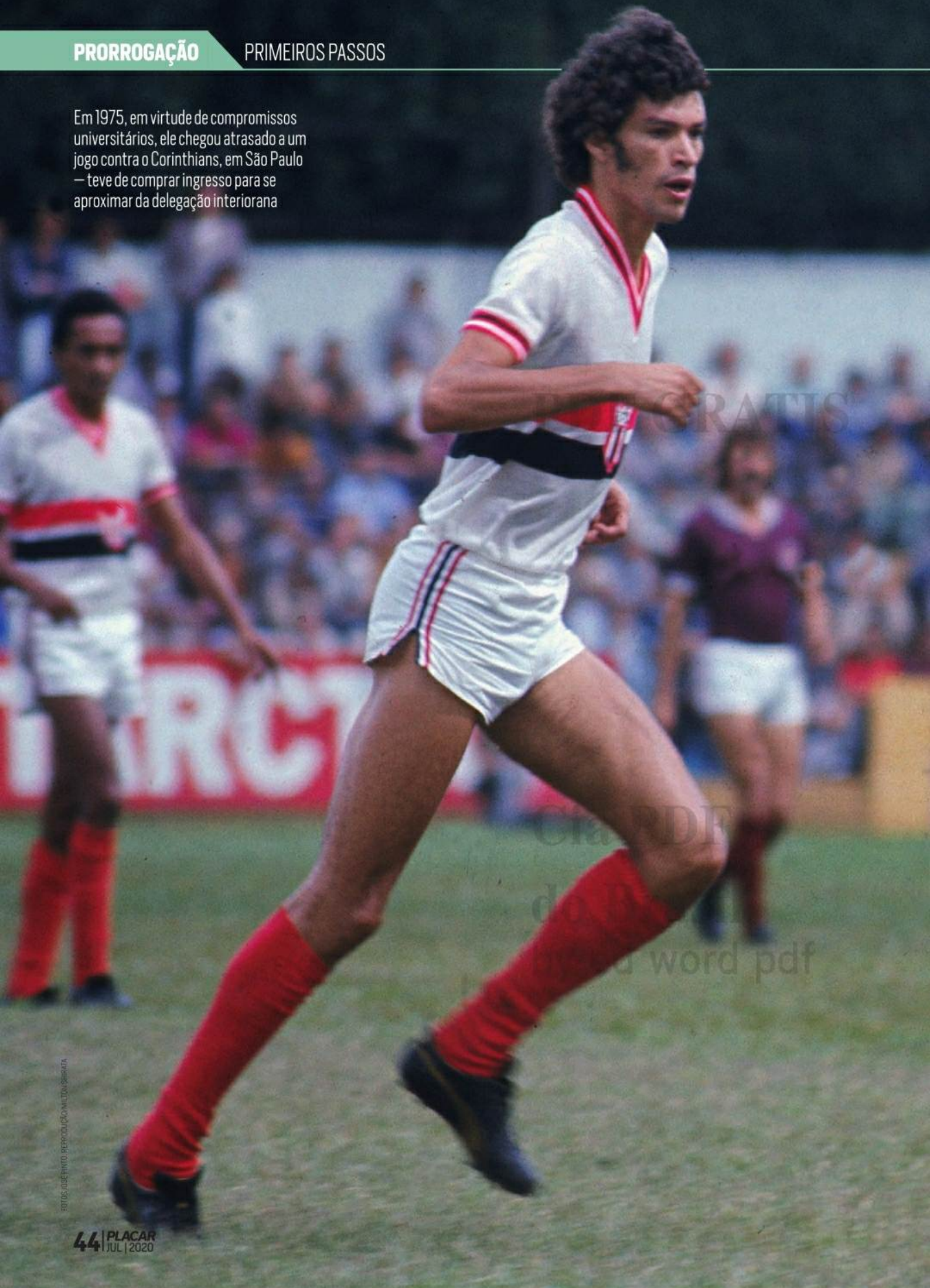
Ao descrever o lance sublime como "infame", Bennett dá voz ao deslize interpretativo mencionado parágrafos atrás, que não chega a comprometer — um certo moralismo de camisa para dentro do calção. Como escreve o professor de literatura brasileira José Miguel Wisnik em seu *Veneno Remédio — O Futebol e o Brasil*, "como não ver que nele *(o futebol)* está cifrado o embate da economia com a cultura, e alguns dos nós cruciais do nosso tempo?". Circunscrito às quatro linhas de cal, nada deveria ser julgado como certo ou errado. ■

TÍTULOS Ao lado de Mazinho e Romário, Bebeto lembra o filho Mattheus, que havia nascido dois dias antes de seu gol na vitória por 3 a 2 sobre a Holanda, em 1994. A comemoração bocó marcaria o tetra. Ali ao lado, os campeões Beckenbauer e Casillas erguem a Copa para Alemanha e Espanha em 1974 e 2010. No alto, um gênio com um título para poucos: doutor Sócrates com uma das muitas faixas que usou no México em 1986

Para ver como teria sido a cobertura da Copa de 1970 pelas redes sociais: **fifa.com/worldcup/videos/mexico70-if-social-media-was-around-in-1970**

Para quem pensou em *fake news* no caso do primeiro-ministro australiano, veja (em inglês): **tinyurl.com/tzfypzk**

Em 1975, em virtude de compromissos universitários, ele chegou atrasado a um jogo contra o Corinthians, em São Paulo — teve de comprar ingresso para se aproximar da delegação interiorana

FOTOS: JOSÉ PINTO, REPRODUÇÃO/MILTON SERRATA

UM TRIBUTO AO SÓCRATES DO BOTAFOGO

Em Ribeirão Preto, em meados dos anos 1970, aquele magrelão que mal treinava, por falta de vontade ou porque precisava estudar na faculdade de medicina, já dava sinais da genialidade que conquistaria o mundo

Émerson Gáspari

Qualquer texto sobre o Doutor Sócrates, em livros, revistas, jornais ou sites, costuma valorizar seu engajamento político e a bonita luta pela democracia. Peço a liberdade de contar aqui algumas histórias que ficam "só" na beleza do futebol mostrado pelo craque nos primeiros anos de sua carreira. Minha proposta é lembrar jogos e casos memoráveis desse grande ídolo (de quem sempre fui fã) ocorridos na Ribeirão Preto que ele adotou (e onde sempre vivi) quando aqui chegou com a família, aos 6 anos de idade.

Sócrates nasceu em Belém, a capital do Pará, em 19 de fevereiro de 1954. Um dia, já no interior de São Paulo, ele e o pai viram o Santos de Pelé massacrar o Botafogo no antigo Luiz Pereira, uma vez que o médico Raimundo Vieira se tornara botafoguense e frequentava o estádio. O menino — torcedor santista — ficou satisfeito com a goleada de 7 a 1 imposta pelo Peixe. Era o dia 4 de setembro de 1965. Na infância, Sócrates adorava jogar bola na rua com a garotada e usava o portão da garagem como gol. Adolescente, passou a atuar por um time amador, o Raio de Ouro. Começou a chamar atenção nas partidas de futebol de salão do colégio, sobretudo pela habilidade no toque de calcanhar. Alto e magro, demorava para girar o corpo e, por isso, se acostumou a tocar sempre de primeira, a bola vindo pela frente ou pelas costas. Em 1970, chegou ao Botafogo.

Um belo dia, doutor Raimundo levou o filho até a porta da escola, para fazer uma prova. Ocorre que, na mesma hora, seria disputada a partida decisiva das categorias de base contra o rival Comercial (no clássico Come-Fogo). Sócrates atravessou a cidade a pé e teve grande atuação, definindo a vitória botafoguense com dois gols. O pai descobriu tudo, pois os amigos vieram elogiar a performance do garoto em campo. Foi uma bronca daquelas!

Até que a faculdade de medicina entrou em sua vida e ele precisou conciliar as duas obrigações. Devido aos estudos e plantões, era dispensado de treinos e atividades para fortalecer a musculatura. Sempre com déficit físico, não conseguia se destacar, apesar dos lampejos de genialidade. Foram eles que mantiveram o Botafogo interessado num jogador aparentemente tão frágil. Parecia impossível alguém com 1,90 metro e pouco mais de 70 quilos jogar em alto nível. Ainda mais sendo fumante. O pai, sempre ele, cobrava o filho nas duas pontas: exigia que fosse bem no curso e, nos jogos, costumava berrar para que saísse da sombra que se formava na lateral do gramado, geralmente no segundo tempo dos jogos, no abafado Estádio Santa Cruz.

Sócrates passou a ser presença assídua no time titular depois que o meia Maritaca se contundiu e ele ajudou na vitória de 1 a 0 sobre o América de São José do Rio Preto, em 6 de fevereiro de 1974. Virou o principal articulador de jogadas, fazendo do limitado Geraldão o artilheiro do Paulistão, com 23 gols. Dono de toques surpreendentes e incrível visão de jogo, tinha noção exata do valor das assistências que fazia — sempre optava por dar o passe a um parceiro mais bem colocado.

Os compromissos com a faculdade de medicina o obrigaram, certa vez, a viajar às pressas para São Paulo, para não perder um jogo. Era 29 de maio de 1975, e o adversário, o Corinthians.

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

Sócrates teve de pagar ingresso para entrar no estádio e se aproximar do vestiário do Botafogo — os companheiros o viram e ele foi incorporado à delegação. O Fogão perdeu de 4 a 1, mas foi dele o gol de honra, após apanhar o rebote de uma bola na trave de Geraldão. No ano seguinte, PLACAR acompanhou história semelhante: enquanto a delegação toda já estava em Campinas para a final de um torneio contra a Ponte Preta, o Doutor passou o dia entre um plantão no pronto-socorro e atividades na universidade. Dessa vez, chegou a tempo de comandar a vitória contra a Macaca *(leia abaixo)*.

Mesmo Sócrates sendo o avesso do tradicional "fominha", não deixava de marcar muitos gols: ao todo, 101 em 271 jogos pelo Botafogo. Em 1976, foi artilheiro do Paulistão. Suas atuações empolgavam a torcida e, cada vez mais, ele desequilibrava as partidas. Num compromisso pelo Brasileirão (Botafogo 4 a 0 Goiás, em 17 de outubro de 1976), ele e o ponta Zé Mário (que mais tarde chegaria à seleção) "gastaram a bola", marcando os gols e "fazendo até chover" no segundo tempo. Três dias mais tarde, os dois protagonizariam aquela que a maioria dos botafoguenses considera a "obra-prima" daquele time: empate em 1 a 1, em casa, diante do poderoso Fluminense bicampeão carioca. Zé Mário abriu a contagem, Sócrates jogou demais, e só aos 43 do segundo tempo a Máquina Tricolor se safou da derrota, numa jogada de Paulo Cezar Caju e Rivellino.

Outra história curiosa remete a um episódio ocorrido vários anos antes. Em setembro de 1964, o Santos, sem Pelé, perdeu para o Botafogo por 2 a 0 em Ribeirão Preto, com direito a gritos de "olé". A vingança, dois meses depois, foi implacável. Com o Rei em campo, 11 a 0 para o Peixe, na Vila Belmiro. A torcida botafoguense jamais esqueceu o vexame, mas quase doze anos mais tarde Sócrates fez a Portuguesa Santista pagar o pato. No dia 13 de junho de 1976 ele esteve impossível. Aos dezesseis minutos, fez o primeiro gol. Em seguida, marcou um golaço, que merece ser lembrado em detalhes: Alfredo alçou a bola para o Magrão, que estava na meia-lua e tinha dois zagueiros às suas costas. Matou no peito e já desarmou a

BISTURI, CHUTEIRAS E CAMISA TRICOLOR

No início de sua carreira profissional, o Magrão estudava medicina, treinava quando podia e jogava porque gostava — e já era o craque incontestável do Botafogo, como PLACAR revelou no início de 1976

Na edição de 26 de março de 1976, PLACAR dedicou duas páginas a um jovem que chamava atenção no interior de São Paulo. Um mês antes, o Botafogo de Ribeirão Preto havia conquistado o título de campeão do Torneio Vicente Feola ao derrotar a Ponte Preta nos pênaltis, em Campinas. O herói da conquista se chamava Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira e tinha uma história no mínimo surpreendente no futebol brasileiro: recém-completara 22 anos e estava no 5º ano da faculdade de medicina.

No dia daquela final, todo o time entrou no ônibus às 8 da manhã — enquanto Sócrates estava no pronto-socorro, aprendendo sua futura profissão. Um trecho daquela reportagem: "Às 11 horas, foi almoçar em casa e às 14 já estava na faculdade para um seminário. Às 17 horas, enquanto os jogadores do Botafogo se preparavam para jantar, Sócrates saía de Ribeirão Preto no carro de um diretor do clube, com destino a Campinas. Chegou por volta das 19 horas e às 20, de chuteiras, calção e camisa tricolor, estava no campo junto com seus companheiros posando para a foto antecipada do campeão".

Mesmo chegando ao estádio praticamente na hora da partida e muitas vezes treinando sozinho, nos intervalos das tarefas da faculdade, era de longe o craque do time (foi considerado o melhor em campo e anotou o último e decisivo pênalti contra a Ponte, por exemplo). "Na hora do jogo, ele chega para desequilibrar", afirmava o ponta-direita João Carlos, na reportagem. "Sem treinar, o Magrão joga melhor do que todos. Por que a gente haveria de reclamar?" Tiri, supervisor e

UM DOUTOR DE BOLA

... jaleco pelo uniforme e ajuda o Botafogo a crescer.

A reportagem de Maurício Cardoso: entre o quinto ano da faculdade e o gramado

PDF GRATIS
Clã PDF do Brasil by ed word pdf

MANOEL MOTTA/PLACAR

A recepção no Parque São Jorge, em 1978, ao lado do presidente do Corinthians, Vicente Matheus, que "passou a perna" no São Paulo, atravessou as negociações e levou o meia

marcação. Deu um giro de corpo e, sem deixar a pelota cair, acertou um tiro seco de direita, indefensável, no ângulo esquerdo.

Só esse lance já teria valido o ingresso, mas Sócrates marcou nada menos que sete gols e deu três assistências: 10 a 0. Acredite se quiser, a torcida saiu do estádio com um gosto amargo de quero mais. No último lance do jogo, numa bola cruzada na área, o camisa 8 chegou atrasado e perdeu a chance de marcar seu oitavo, devolvendo os 11 a 0 e os oito gols de Pelé a um time santista. Assim que o juiz terminou a partida, eclodiram vaias por causa dessa triste coincidência não atendida. A própria imprensa, frustrada, entregou ao meia-esquerda Alfredo o prêmio de melhor em campo. Inacreditável!

Time que sofreu horrores com o Doutor em seus tempos de Botafogo foi o Comercial. Em dezenove clássicos, foram nove vitórias, sete empates e apenas três derrotas, com seis gols marcados por ele. O mais incrível foi um que ele "profetizou" antes de a bola rolar. Nos dois Come-Fogo anteriores (em dezembro de 1975 e fevereiro de 1976), Sócrates já havia garantido duas vitórias seguidas do tricolor

técnico do Botafogo, garantia que "Sócrates não tem horário para treinar, mas nunca deixou de participar sem um motivo justo", e ia bem mais longe. "Ele é, sem dúvida, o maior jogador brasileiro da atualidade. Esperem só que ele termine o seu curso para dedicar-se inteiramente ao futebol, para se cuidar mais fisicamente."

O excelente repórter Maurício Cardoso, sempre no lugar certo, sempre em busca da notícia, classificou a declaração como um "possível exagero de Tiri", mas reconheceu o valor de Sócrates, "que em circunstâncias normais já estaria faturando alto em um time grande". Em seguida, destacava as qualidades do garoto. "Com 1,90 metro e 71 quilos — daí o inevitável apelido de Magrão —, Sócrates é um jogador habilidoso e lutador. Com uma inteligência considerada acima do normal mesmo dentro das salas de aula, é capaz de criar lances de gênio. Já esteve nas pretensões do Palmeiras e do Santos, e todos sabem que depois de terminado o curso de medicina, daqui a dois anos, será muito difícil segurá-lo no Botafogo.

— Não faço planos para o futuro, mas sempre que aparece uma oferta de bom dinheiro a gente tem de parar para pensar."

De acordo com PLACAR, o doutor Raimundo Vieira, pai de Sócrates, era fanático por futebol, mas talvez nem imaginasse que um filho seu viesse a ser jogador (anos mais tarde, também Raí se tornaria craque de nível internacional). "Mas fez força para que isso acontecesse, segundo uma lenda que muitos conhecem na cidade. Ou terá sido mesmo verdade que ele era obrigado a comprar as camisas e a bola para ver o filho escalado no time do Colégio Marista, onde Sócrates estudou quando garoto? Lenda ou realidade, o doutor Raimundo sempre fez questão de que todos os filhos estudassem para ter uma profissão estável que lhes garantisse o futuro", anotou a reportagem.

A revista especulava como seria esse futuro: "Seu amigo inseparável e colega Roberto Satoshi lembra que, quando estiver cursando o 6º ano de medicina, em regime de internato, Sócrates certamente terá de fazer uma opção que exclui alternativas. O técnico Tiri, porém, prefere antever o jovem médico de 24 anos totalmente liberado para se dedicar integralmente ao futebol. Sócrates poderá, então, dar vazão a todo o potencial que possui, certamente crescerá sua glória vestindo camisas de maior prestígio e tentando colaborar, com seu gênio, para a alegria plena do jogo da bola". O resto é história. Sócrates concluiu o curso de medicina em 1977, transferiu-se para o Corinthians no ano seguinte e se tornou, de fato, um dos maiores craques do futebol brasileiro nos anos 1980. Teve uma passagem frustrante pela Fiorentina, da Itália, na temporada 1984-1985, voltou ao Brasil e atuou pelo Flamengo (fazendo dupla com Zico) até 1987. Aos 34 anos, foi para seu time do coração, o Santos. E ainda jogou novamente pelo Botafogo de Ribeirão Preto, em 1989, quando pendurou as chuteiras. Morreu no dia 4 de dezembro de 2011, após duas internações provocadas por problemas digestivos ligados ao alcoolismo.

por 1 a 0. Às vésperas do novo clássico, prometeu repetir a dose, com requintes de crueldade: marcando no último minuto. E assim foi.

Jogando no Palma Travassos, o estádio do Comercial, o goleiro Lula, do time da casa, tocou rasteiro para o zagueiro Gonçalves. Sócrates estava a uma distância segura e ele devolveu para o goleiro. Apesar das vaias com aquela enrolação, já que o placar ainda marcava 0 a 0, Lula decidiu voltar para Gonçalves, na linha da grande área. Sócrates correu para pressioná-lo, forçando um recuo errado para o arqueiro. Lula escorregou ligeiramente, o que permitiu ao atacante chegar antes à bola, empurrando-a de carrinho para o fundo da rede.

Naquele tempo, o Magrão não era o jogador frio e calculista do Corinthians e da seleção. Em 1977, também contra o Comercial, sofreu um pênalti do goleiro e, ainda caído, foi pisado por um zagueiro. O arqueiro adversário acabou expulso, mas nosso herói, nervoso, errou a cobrança. Não era bom de cabeceio (só mais tarde a perseverança de Telê Santana em fazê-lo treinar esse fundamento ajudou a corrigir isso). Mas já fazia diferença como cobrador de faltas — e também era especialista em carrinhos perfeitos, rasteiros, com os pés bem juntos, sem fazer falta.

O ponto fora da curva era mesmo o lendário toque de calcanhar. Não há registro de outro jogador que o tivesse usado com tamanha habilidade. Pelé (ídolo que Sócrates enfrentou no dia 14 de agosto de 1974, na Vila Belmiro) dizia achar o Doutor "melhor de costas do que muitos jogadores de frente". Em março de 1977, contra o Santos, ele marcou um gol de calcanhar, numa memorável virada por 3 a 2.

O ano de 1977, aliás, foi iluminado para o Botafogo: a excelente campanha garantiu-lhe a Taça Cidade de São Paulo com um 0 a 0

ELE JUNTOU BOLA COM POLÍTICA

Nas páginas de PLACAR, textos e fotos que ajudaram a consolidar o lado militante de um atleta que não se contentava apenas em calçar chuteiras

Houve o "doutor". Mas houve também o Sócrates intimamente ligado aos humores políticos do Brasil que deixava a ditadura a caminho da democracia. PLACAR, com longas reportagens e fotos celebradas, talvez tenha sido a mais relevante vitrine da transformação do craque em símbolo de postura militante, na permanente briga pelos direitos da sociedade, como um todo, e dos atletas. Poucos meses depois da eliminação da seleção na Copa do Mundo pela Itália, em 1982, a revista convidou quatro atletas (um do Rio de Janeiro, um do Rio Grande do Sul, um de Minas Gerais e um de São Paulo) para imaginar o que fariam se fossem governadores de seus estados. Sócrates, o representante dos paulistas, não apenas traçou algumas ideias básicas para seu hipotético mandato como também "quis ele próprio elaborar seu programa de governo. E o fez, entre viagens e concentrações". O resultado saiu publicado em 15 de outubro de 1982. "O ideal público sempre foi um planejamento executivo direcionado para o bem-estar de toda a população, não apenas para parte dela", iniciava o texto escrito pelo camisa 10 corintiano e 8 da seleção. "Os brasileiros buscam, basicamente, trabalho, educação, habitação, saúde e alimentação", resumia o "candidato", antes de detalhar suas propostas em cada uma dessas cinco áreas (e de posar, com ar circunspecto, em frente ao Palácio dos Bandeirantes, sede do governo do estado).

No ano seguinte, a imprensa esportiva só falava na "Democracia Corinthiana", e PLACAR convidou Sócrates, o lateral-esquerdo Wladimir e o vice-presidente do clube, Adilson Monteiro Alves, para um bate-papo sobre a inovadora experiência político-futebolística. Na entrevista, as frases de Sócrates soavam como um manifesto.

"O momento é fundamental para tentar modificar algumas das estruturas do futebol, para que no futuro meus companheiros tenham condições muito melhores do que têm hoje."

"Com vontade, você produz mais. É diferente do cara que vai ao trabalho e bate o ponto. É muito fácil você ter um ditador. É fácil você ser oprimido: existem regras, e você vai cumpri-las o tempo todo, não vai criar nada. O fácil para a gente seria: ir ao clube, ganhar muito dinheiro, continuar enganando…"

"É isso que todo mundo quer. Que todo jogador seja um alienado. Jogador tem de jogar, estudante tem de estudar. Não pode pensar nem participar, não pode assistir a um show, a um cinema, muito menos ter opinião política. Porque todo mundo sabe que jogador tem uma tremenda ascendência política. Só que ele mesmo não sabe. Se você reagir, perde o emprego e, se os cartolas quiserem, você não joga mais em lugar nenhum. Isso acontece ainda hoje! "

PDF GRATIS Cia PDF do Brasil by ed word pdf

diante do São Paulo em pleno Morumbi. Pena que o juiz viu uma falta inexistente de Sócrates e anulou um belo gol dele. No ano seguinte, o Corinthians “passou a perna” no São Paulo e o contratou, numa manobra espertíssima de Vicente Matheus. Mais um ano, e PLACAR já publicava uma edição especial com o título “Sócrates: o melhor jogador do planeta”.

Depois de encerrar a carreira no Santos, Sócrates topou fazer algumas partidas para ajudar o Botafogo no Brasileiro de 1989 e se despedir do clube, como os torcedores tanto pediam. Como profissional, marcou mais de 330 gols e deu perto de 1 000 assistências. Foi, por um breve período, treinador do Botafogo, além de secretário de Esportes de Ribeirão Preto, mas algumas de suas medidas eram, digamos, “socialistas demais” para a cidade na época *(leia mais sobre a atuação política de Sócrates no quadro ao lado).*

Montou a Medicine Sócrates Center, bela clínica na Avenida Nove de Julho — então o endereço mais concorrido de Ribeirão Preto. Foi lá que autografou revistas e cards para mim. Era tranquilo e afável, embora não curtisse tietagem: não guardava troféus, camisas ou reportagens e fotos da carreira. Por um tempo, quase todas as manhãs, passava a pé na calçada de meu sebo esportivo, a caminho do trabalho. Jamais o interpelei nessas oportunidades, mesmo tendo muito material futebolístico dele, com direito a pôsteres com o uniforme do Botafogo, num tempo em que ele usava grossas borrachas para evitar que os “meiões” arriassem, descendo por canelas tão finas. Sei que ele se sentiria incomodado com o assédio. Hoje ele repousa no Cemitério Bom Pastor, bem perto da minha casa, aqui em Ribeirão. Muito obrigado por tudo, Doutor. ■

ORLANDO BRITO

LUIS CRISPINO

Na campanha pelas Diretas já, em 1984; como dom Pedro I; e em frente ao Palácio dos Bandeirantes, em São Paulo: permanente atenção aos humores do país

Outras duas imagens muito marcantes foram publicadas na edição de 27 de abril de 1984. Duas semanas antes, cerca de 2 milhões de pessoas estiveram no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, para um dos maiores comícios realizados no país pela volta das eleições diretas. No palanque, ao lado do locutor Osmar Santos e do jovem centroavante corintiano Casagrande, Sócrates afirmou que ficaria no Brasil caso a emenda constitucional restabelecendo o direito de votar fosse aprovada pelo Congresso. “A multidão delirou, fazendo o frio Doutor chegas às lágrimas”, escreveu PLACAR na introdução da entrevista, em que o craque reafirmava seu desejo: “Quero ficar no meu país para participar da reconstrução dele”. Além da foto do comício, a revista levou Sócrates ao estúdio e (numa referência ao Dia do Fico, quando o príncipe regente dom Pedro I anunciou que atendia aos apelos para permanecer no Brasil, dando início à independência do país em relação a Portugal, em 1822) retratou-o todo paramentado, consolidando sua imagem de craque politizado.

Quando morreu, em 4 de dezembro de 2011, aos 57 anos, o Magrão foi saudado no mundo inteiro como um grande jogador que usou sua influência para melhorar o mundo. “O democrata do futebol”, resumiu o jornal *El País*, da Espanha. “Romântico e revolucionário”, cravou *Le Monde*, da França. “Foi um dos mais engajados na luta contra o regime militar”, emendou o *Olé*, da Argentina. A militância, para além da bola, o fez reverenciado. Sócrates sabia estar do lado certo da história — e os democratas o aplaudiam como hoje o louvam. Faz falta.

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

FEITIÇO DO TEMPO

Em novembro de 1971, PLACAR foi na contramão do senso comum e, numa reportagem de capa, atacou a ideia de que os jogadores ficavam acabados para o futebol ao completar 30 anos. Sem dúvida, uma constatação necessária e que segue fazendo todo o sentido

No início dos anos 1970, havia um consenso entre os amantes do futebol: a idade era um "peso" insuperável para os atletas. Raros eram os jogadores que seguiam atuando, ainda mais em alto nível, depois de superar uma barreira bem específica: os 30 anos (claro, sempre havia as exceções que confirmavam a regra). Na edição de 26 de novembro de 1971, PLACAR *decidiu se contrapor a essa ideia. Num ensaio de cinco páginas, o editor Michel Laurence apresentou argumentos fisiológicos e psicológicos para mostrar que muitos craques atingiam seu auge justamente ao se tornar "balzaquianos". A seguir, você pode ler os principais trechos do artigo, cuja tese central não apenas vale até hoje, mas ajuda a entender o fenômeno Lionel Messi, personagem de uma das reportagens especiais desta edição.*

Na capa, três exemplos de "velhinhos", já trintões, que ainda jogavam muito bem: Ademir da Guia (Palmeiras), Andrada (Vasco) e Gérson (São Paulo)

Cia PDF do Brasil by ed word pdf

"ORA, ESSE CARA NÃO DÁ MAIS"

Quase sempre eles são os melhores nos seus times. Pelé, no Santos. Gérson, no São Paulo. Roberto Rebouças, no Bahia. Quase sempre eles são os responsáveis pelo equilíbrio de seus times. Mas nada disso adianta contra um argumento: têm 30 anos

Esse cara não. Ele não dá mais. Está com 30 anos. Essa é uma frase comum em qualquer roda que discute futebol. A idade de 30 anos vale como argumento para quem quer negar qualidades a determinado jogador.

Por que será que, um ano antes, a mesma pessoa não dizia: "Ora, esse cara não dá mais. Tem 29 anos"? A maneira de pensar de um torcedor pode mudar radicalmente de uma hora para outra sobre um jogador. Basta ele saber que o craque que tanto admira tem 30 anos. Ele se espanta, passa a duvidar intimamente das qualidades do jogador e, um belo dia, cai no lugar-comum: "O cara não dá mais. Tem 30 anos".

Que mistério envolve um jogador de 30 anos? Por que marcá-lo? Um homem comum aos 30 anos atinge a plenitude de sua capacidade de trabalho, somando juventude e experiência. No futebol deveria ser a mesma coisa. Há quem diga: "Mas futebol é um esporte". Acontece que os maiores fundistas do mundo foram — e são — homens com mais de 30 anos.

Os exemplos são muitos. Como Emil Zatopek, a "Locomotiva Humana", que corria uma média de 160 quilômetros por semana, apenas como treinamento. Hoje acontece a mesma coisa com atletas como Peter Snell e Jim Ryun, segundo um levantamento feito por Kenneth H. Cooper, responsável pelo teste de aferição de capacidade física que leva seu nome, empregado na preparação dos astronautas americanos.

O futebol tem muito de uma corrida de longa distância, pois os jogadores são homens que se movimentam continuamente durante noventa minutos. Por isso a juventude não é fundamental ao futebol. O professor Paulo Russo, preparador físico assistente do Santos, diz que os estudos de um técnico japonês chegaram a duas importantes conclusões: 1) para um homem aprender a executar um movimento, ele precisa repeti-lo pelo menos 30 000 vezes, quando chegará à perfeição; 2) para que o movimento seja automatizado (executado sem que a pessoa perceba), é preciso que ele seja repetido 100 000 vezes.

Empregando tal tese no futebol, chegamos às seguintes conclusões:

1- Um jogador leva, no mínimo, três anos para aprender a chutar com perfeição, período correspondente à atividade infantojuvenil. (Calcula-se que um jogador dá em média oitenta chutes por treino e que treina com bola três vezes por semana, incluindo-se um jogo semanal.)
2- Para automatizar o mesmo chute, o jogador levará nove anos, quando terá entre 25 e 26 anos.

Tal teoria foi confirmada pelo professor Júlio Mazzei, preparador físico do Santos. "São poucos os jogadores que conseguem olhar o que acontece em volta deles enquanto a bola está vindo em sua direção. No momento, lembro de Pelé e Gérson, que sabem o que vão fazer quando recebem a bola. Os dois com 30 anos. A única exceção que conheço é o Dicá. Os demais só olham o campo depois de receber a bola", diz.

A capacidade de receber a bola e ao mesmo tempo pensar no que fazer com ela se chama automatização. Que só é conseguida depois de muito trabalho em torno de um mesmo movimento. Quem já trabalhou muito só pode ter muitos anos de futebol.

Diversos mitos colaboram para que um jogador brasileiro não sobreviva aos 30 anos. Pelé é responsável por um deles. Como chegou à seleção com 17 anos, é comum ou-

As primeiras duas páginas do texto especial de PLACAR, publicado em novembro de 1971: primórdios da revolução no preparo físico

Não adianta êle correr como uma criança durante todo o jôgo, fazer o que quiser da bola. Para êle tudo acabou

30 anos A marca do pênalti

Quase sempre êles são os melhores nos seus times. Pelé, no Santos. Gérson, no São Paulo. Roberto Rebouças, no Bahia. Quase sempre êles são os responsáveis pelo equilíbrio de seus times. Mas nada disso adianta contra um argumento: têm trinta anos.

6 PLACAR

PLACAR 7

PA IMAGES/GETTY IMAGES

Sir Stanley Matthews jogou em um clube da Primeira Divisão do Campeonato Inglês até os 43 anos: recorde de longevidade

vir dizer que um jogador com 19 anos, que surge como promessa, já passou da idade (mas todos esquecem que Pelé é um fenômeno e, como tal, tem de ser considerado uma exceção). Também em relação ao goleiro há um mito: qualquer torcedor acha que ele pode ultrapassar os 30 anos sem problemas. "Goleiro é como vinho. Quanto mais velho, melhor. Goleiro não se cansa", eis um lugar-comum.

O "quanto mais velho, melhor" vale para qualquer posição: quanto mais se joga, mais se aprende. O conceito é válido para todos.

Errada é a afirmativa de que goleiro não se cansa. "Um goleiro se cansa tanto quanto um atacante. A diferença é que seu cansaço é mental, pela contínua pressão psicológica que sofre ao acompanhar a bola durante noventa minutos. Outra coisa: normalmente o goleiro treina mais do que qualquer outro jogador. Talvez por isso saia do jogo com aspecto menos cansado que o dos demais", diz Hélio Maffia, preparador do São Paulo. Guido, massagista do São Paulo, mais de vinte anos de profissão, confirma o que diz Maffia. "Até hoje só vi goleiro desmaiar durante um jogo. Por quê? Por pressão mental, cansaço."

Outra lenda é que um jogador de 30 anos se cansa mais do que um de 20. Júlio Mazzei afirma justamente o contrário. "Um jogador de 30 anos já aprendeu a dosar suas energias. Ele as emprega com inteligência. Um jovem, por ser afoito e nervoso, gasta energias inutilmente. Outra coisa: um jogador de 30 anos mantém a forma com mais facilidade do que um de 20. O jovem geralmente necessita de muito mais exercícios para entrar em forma e mantê-la. Provavelmente porque um jogador de 30 anos sabe aproveitar melhor o treinamento." Para anunciar que um jogador de 30 anos está em fim de carreira, três fatores têm de ser analisados: 1) sua constituição física; 2) a vida que levou; 3) suas origens. Para explicar tudo isso, Mazzei compara o jogador a um motor: "Dois homens compram carro da mesma marca num mesmo dia. O veículo de um dura quatro anos, porque teve toda a assistência técnica. O do outro acabou ao fim de seis meses, por falta de cuidados. Com o homem é a mesma coisa. Quem se cuida joga mais tempo".

Existem exemplos dos dois casos. Djalma Santos, que jogou até os 41 anos, é a máquina bem conservada. Poderia, inclusive, ter jogado mais tempo — o que cansou nele foi a mente, não o físico. Coutinho parou aos 23 anos, porque não cuidou da máquina. "Mesmo

Cia PDF do Brasil by ed world pdf

no nosso futebol, jogador que se trata pode durar muitos anos. Mas é preciso levar em consideração sua constituição física. Um homem de físico bem formado — isso não quer dizer musculoso, mas sim equilibrado — tem mais chances de jogar durante muito tempo do que um de mau físico", afirma Mazzei.

Outra suposição errada é a de que o atacante acaba mais cedo do que o zagueiro. "Terríveis mesmo, no Brasil, são as pressões psicológicas sofridas pelos jogadores. Eles passam de janeiro a dezembro jogando bola. Aqui não existem estações do ano, como na Europa, que atuam psicologicamente sobre o homem e sua idade, influindo beneficamente", completa Mazzei. A diversidade de estações é que explica a longevidade do jogador europeu. Outro problema brasileiro é a época das férias, na fase mais festiva do ano, com Natal, Ano-Novo, Dia de Reis. É evidente que, por isso, os jogadores não podem se afastar de seu meio ambiente, para conversar com outras pessoas, esquecer o futebol. E isso cansa mentalmente.

Chega-se à conclusão de que nem sempre é a idade, mas sim o cansaço mental, o fator fundamental na carreira de um jogador que chega à casa dos 30 anos. O que ele pensa e as motivações que ainda encontra para jogar são fatores que determinam sua retirada ou permanência em campo. Mais uma vez Pelé serve como exemplo. Aos 31 anos, ele continua em perfeito estado físico, mas nem sempre encontra motivações para jogar todo o seu futebol, principalmente porque é um homem realizado dentro e fora de campo. Mas na Copa do Mundo, no ano passado, ele deu tudo — queria ganhar seu terceiro título, mostrar que 1966 fora um acidente, calar alguns críticos. Agora, no Nacional, foi o fato de levar vários jogos sem fazer gols. Só que já perdeu essa motivação.

O inglês Stanley Matthews, que provavelmente desejava bater todos os recordes de permanência em atividade como profissional, conseguiu atingir os 43 anos jogando num time da Primeira Divisão inglesa. Nas vésperas de jogos, ele caminhava de 10 a 15 quilômetros com palmilhas de chumbo para não sentir o peso das chuteiras. Por isso, essa história de dizer "esse cara não dá mais; tem 30 anos" é meio perigosa. Se é verdade que não se deve formar um time com idade média acima dos 30 anos, mais verdade ainda é que não se deve esperar nada de uma equipe cuja idade média seja de 20 anos — nem mesmo ter a cabeça no lugar.

Tudo parece se resumir numa historinha contada por Júlio Mazzei: "Há milhares de anos existia um comerciante com muito jeito para os negócios. Mas ele sempre acabava enganado na hora das contas. Um dia pediu a Deus que o ajudasse. Quando chegou em casa, encontrou numa das salas uma máquina imensa. Tomou um susto. Ficou ainda mais apavorado quando percebeu não saber movimentar a máquina. Começou a apertar botões e não conseguiu resultado algum. Ficou tão irritado que passou a chutar a máquina. Depois de alguns chutes, apareceu o número 5. Aí o negociante deu novos chutes e obteve o número 7. O problema dele estava resolvido. A verdade é que até hoje continuamos a dar chutes no cérebro". ■

Michel Laurence

Emil Zatopek, o invencível corredor dos 5 000 metros, dos 10 000 metros e da maratona: os fundistas costumam ganhar fôlego na maturidade

KEYSTONE-FRANCE/GETTY IMAGES

A FALSA IMAGEM DA DERROTA

Por muitos anos, o flagrante do zagueiro palmeirense Luís Pereira "consolando" Rivellino foi considerado a gota d'água para a saída do craque corintiano, em 1974. Mas não foi bem assim

No início dos anos 1970, não havia nenhum jogador mais identificado com o Corinthians do que Roberto Rivellino. Depois de atuar como amador no Clube Atlético Indiano e no futebol de salão do Esporte Clube Banespa, o jovem de 19 anos tinha sido recusado pelo Palmeiras quando conseguiu uma chance no Parque São Jorge, em 1965.

Disputou a Copa do Mundo de 1970, no México, improvisado na ponta esquerda. Se é que há alguém que duvide do seu talento, basta dizer que, depois que Pelé se aposentou da seleção, Rivellino herdou a camisa 10 do time canarinho, pelo qual atuou até 1978. Quatro anos antes, porém... O Reizinho do Parque, ídolo da torcida, dono da Patada Atômica, foi acusado de covarde e de entregar o jogo na decisão do Campeonato Paulista de 1974, justamente contra o arquirrival Palmeiras, em 22 de dezembro. A primeira partida, realizada quatro dias antes, havia terminado empatada em 1 a 1. Naquele domingo, era tudo ou nada, e o jogo terminou 1 a 0 para o Verdão.

Boa parte da imprensa criticou Rivellino por sua atuação apagada. PLACAR publicou uma foto, feita por J.B. Scalco (1951-1983), em que o grande zagueiro Luís Pereira (titular da seleção na Copa da Alemanha, em 1974, e ídolo do Atlético de Madri, clube do qual faz parte da comissão técnica atualmente) passa a mão na cabeça do atacante adversário, como se o estivesse consolando. Por muito tempo, acreditou-se que a imagem tinha sido registrada após o fim do jogo e, como tal, foi considerada a "prova definitiva" da falta de motivação e empenho do camisa 10 alvinegro.

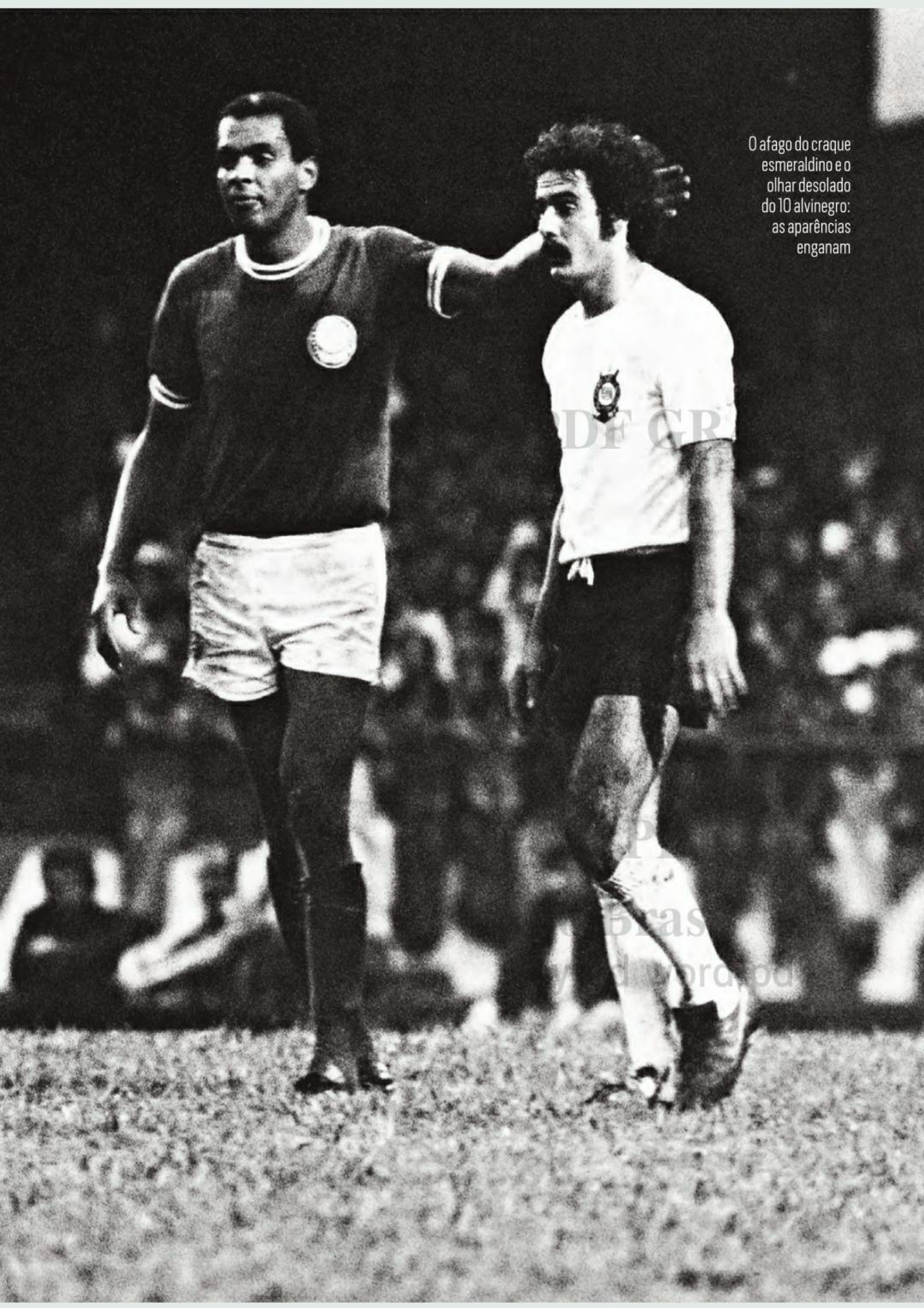
Rivellino virou um dos bodes expiatórios da derrota — e pouco depois a diretoria corintiana selou sua venda ao Fluminense, que iniciava a montagem do time que ficou conhecido como Máquina Tricolor em meados da década de 70. Anos mais tarde, PLACAR mudou a prosa da história, ao publicar o chamado "contato", a sequência das fotos, exatamente como haviam sido registradas no negativo. E o fato é que o afago de Luís Pereira em Rivellino ocorreu no segundo tempo, sim, mas quando a decisão ainda apontava 0 a 0. O gesto registrado por J.B. Scalco se deu logo depois de uma disputa entre os dois jogadores, na qual Rivellino se queixou de falta. O juiz não apitou e, logo em seguida, Ronaldo marcou o gol do título palmeirense. Em 2017, num programa de TV, Luís Pereira relembrou o evento: "Rivellino estava reclamando da não marcação do árbitro, e eu fiquei provocando, fazendo com as mãos o sinal de que ele tinha se jogado, era tudo simulação". Os dois craques, que estiveram inúmeras vezes lado a lado com a camisa do Brasil, se tornaram também amigos. "Íamos à casa um do outro, conheci o sítio dele, ficamos próximos", lembrou o zagueiro na entrevista, pouco antes de confessar: "Naquele lance, eu fiz a falta, sim".

FOTOS J.B. SCALCO/PLACAR

A sequência de fotos de J.B. Scalco (1951-1983), no chamado "contato", recurso da fotografia do passado, revela que a cena aconteceu quando o jogo ainda estava empatado em 0 a 0

Em fevereiro de 1975, Rivellino estreou pelo Fluminense e marcou três gols na vitória por 4 a 1 sobre o... Corinthians. Em dezembro do ano seguinte, a Fiel invadiu o Maracanã e ajudou o Timão (que já contava 22 anos na fila por um título) a derrotar a Máquina Tricolor e passar para a final do Brasileirão. O grande camisa 10 foi para o Al Hilal, da Arábia Saudita, em 1979. Pretendia seguir nos gramados até completar 42 anos, mas aposentou-se quando tinha "apenas" 35, em 1981. Apesar do triste episódio da venda para o Flu, Rivellino ainda é um dos maiores ídolos da torcida corintiana. ■

PDF GRATIS Cia PDF do Brasil by ed word pdf

O afago do craque esmeraldino e o olhar desolado do 10 alvinegro: as aparências enganam

O MILAGRE DO INDEPENDÊNCIA

O Atlético Mineiro estava em grande fase, mas fez um jogo ruim em casa. Quando tudo parecia perdido, a massa que lotava o estádio viu nascer São Victor do Horto e passou a entoar um grito que virou marca: "Ah, eu acredito"

Texto: Pedro Galvão
Ilustração: Pedro Lins

Noite de 30 de maio de 2013, Estádio Independência, em Belo Horizonte. Eu era um dos 21 000 torcedores no jogo de volta das quartas de final da Taça Libertadores. O Atlético Mineiro estava "voando". Depois de fazer a melhor campanha na fase de grupos e trucidar o São Paulo nas oitavas, tinha ido ao México enfrentar o Tijuana e voltara com um empate e dois gols marcados fora de casa. A expectativa era enorme — outra noite de festa e esperanças renovadas pelo troféu inédito e pelo fim do longo jejum de grandes conquistas. Mas...

Ronaldinho, Tardelli e companhia não se encontraram em campo, e os mexicanos abriram o placar, ainda no primeiro tempo. Réver empatou, e o resultado garantia a classificação. Até que, aos 46 minutos da etapa final, o juiz chileno Patricio Polic marcou pênalti para o Tijuana, em falta de Leonardo Silva sobre Aguilar.

Olhar para o campo era como encarar a morte, sensação reforçada pelas máscaras do filme *Pânico* que a torcida combinou usar. Até porque, àquela altura, muitas estavam viradas para trás, na nuca, fitando o torcedor no degrau acima da arquibancada, o que só aumentava o medo de reencontrar os fantasmas mais aterrorizantes, os de sempre, e cair novamente no inferno da desilusão, tantas vezes visitado desde o já longínquo título brasileiro de 1971. O apito do árbitro foi seguido de um silêncio desolador. Eu me recusava a aceitar, mas não conseguia escapar de um pensamento: "Vai ser sempre assim". Ao meu redor, a massa tão vibrante se dividia entre os que já partiam, os que xingavam e os que se encolhiam, olhando fixamente para o chão, para não ver a tragédia iminente. Eu lembro que consegui "ver para crer" (frase atribuída a São Tomé no catolicismo) a realização de um milagre seguido do nascimento de um "santo".

Nos menos de dois minutos até a cobrança da penalidade máxima, vi um menino, por volta de 10 anos de idade, a consolar o pai, que lutava inutilmente para segurar as lágrimas, talvez envergonhado de chorar na frente do filho, talvez culpado por fazer a criança passar por aquilo. Foi o que me deu coragem para abrir os olhos e voltar ao que se passava no gramado. O centroavante colombiano Duvier Riascos ajeitava a bola, confiante no gol que classificaria o Tijuana. "Adianta e pega, Victor! Em Libertadores ninguém manda voltar!", gritei, sonhando com a possibilidade mesquinha (porém factível) de salvação. E assim foi. São Victor do Horto surgiu com seu pé esquerdo salvador, uma defesa improvável que virou o lance mais inesquecível na memória atleticana — desde 2014, todo ano, religiosamente, mesmo os torcedores agnósticos fazem uma procissão no entorno do Independência em 30 de maio.

Victor, até então apenas um ótimo goleiro, responsável por duas ou três defesas importantes durante aquele jogo, ainda pegaria outros dois pênaltis decisivos na Libertadores de 2013 e se tornaria o herói do título, como foram Marcos, Ceni e Cássio por outros times vencedores do maior torneio das Américas. E então, o vento, contra quem o atleticano tanto torceu a vida inteira, finalmente virou a favor e foi possível "acreditar" em reviravoltas, vitórias e conquistas. ■

"Olhar para o campo era como encarar a morte, sensação reforçada pelas máscaras do filme *Pânico* que a torcida combinou em usar. Até porque, àquela altura, muitas estavam viradas para trás, na nuca, fitando o torcedor no degrau acima da arquibancada, o que só aumentava o medo dos fantasmas

O pé esquerdo na bola chutada pelo colombiano Riascos na cobrança de pênalti: o sol alvinegro das alterosas, a hipnótica defesa para não ser esquecida

PDF GRATIS Cia PDF do Brasil by ed word pdf

AQUELE "TIBAÇO" DO CORITIBA DE 1976

A história da única equipe hexacampeã na era profissional do Campeonato Paranaense, que ficou famosa graças a um áudio que circulou no WhatsApp

Alexandre Senechal

Com a voz embargada, emoldurada por palavrões, o torcedor Robson Farias manda uma mensagem para um tal de Ramon e para a "galera da curva", a turma da torcida organizada coxa-branca da Curva 1909, canto do estádio Couto Pereira. Eufórico, ele lembra da equipe do Coritiba de 1976, e lá se vão quase 45 anos. Troca o "M" pelo "B" e avisa ao mundo inteiro, misturando as letras: "Tibaço!". Não tardou para que a gravação se espalhasse por mensagens de WhatsApp e, viralizada, chegasse ao YouTube. Sim, que timaço, timaço!, era aquele — para a alegria da galera alviverde e inveja, na forma de gozação, dos fãs das equipes adversárias.

Convém lembrar que não foi apenas uma equipe, mas sim duas. Explica-se: em decorrência de uma sequência de batalhas judiciais *(veja no quadro ao lado)*, o Campeonato Paranaense de 1976 só terminou em 1977, com a sexta vitória consecutiva do Coritiba — antes, apenas o extinto Britania conseguira o hexa, entre 1918 e 1923. Com o torneio prolongado, o elenco foi se desfazendo, uns porque se machucaram, outros porque foram vendidos. E, insista-se, o timaço, opa, o "tibaço" das partidas finais foi, a rigor, corolário de uma sequência de bons anos, que começaram em 1971. Dois destaques no período: o meio-campista Dirceu Krüger, carinhosamente chamado de "Flecha Loira", por suas melenas loiras. E o rapidíssimo e habilidoso atacante Zé Roberto. Nenhum dos dois chegou a 1977. Krüger pendurou as chuteiras em 1976. Zé Roberto disse adeus ao Paraná em 1974. Mas é como se estivessem lá, parte de uma longa história vitoriosa. "Com a contratação de vários medalhões, o time ficou mais maduro", diz Guilherme Costa Straube, do grupo Helênicos, projeto que compilou todas as fichas técnicas de jogos oficiais do clube e estuda a história coxa-branca desde 2004. Na lista, o onze de 1976 vale ouro. ■

SERGIO SADE

Uma ausência sentida
Dirceu Krüger, o **"Flecha Loira"**, anunciou a aposentadoria em 1976 e ficou de fora no quadrangular final no ano seguinte. O ídolo se despediu com uma volta olímpica antes do clássico contra o Athletico na quarta rodada, vencido pelo Coritiba por 1 a 0, com um gol de Eli. Dirceu sofrera um descolamento na alça intestinal depois de um choque contra o goleiro do Água Verde, em 1970. Chegou a receber extrema-unção, sobreviveu, claro, mas teve de parar razoavelmente cedo, aos 30 anos

Com que roupa?
Ora, com a **camisa de gala** criada em 1971 para ser usada contra as grandes equipes do Campeonato Brasileiro. Branca, com duas listras verdes horizontais e o escudo no meio, desde então não deixou de ser utilizada. E, no entanto, na finalíssima de 1976, contra o Colorado, o uniforme escolhido foi o antigo, com os traços na vertical

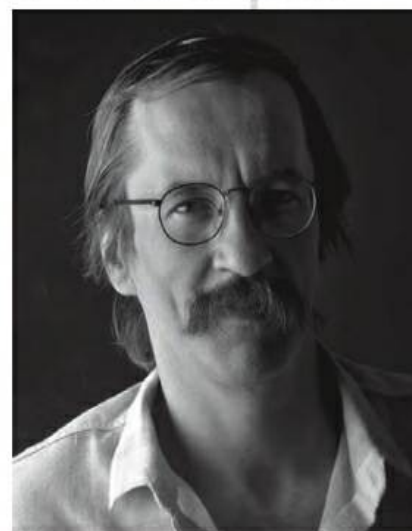
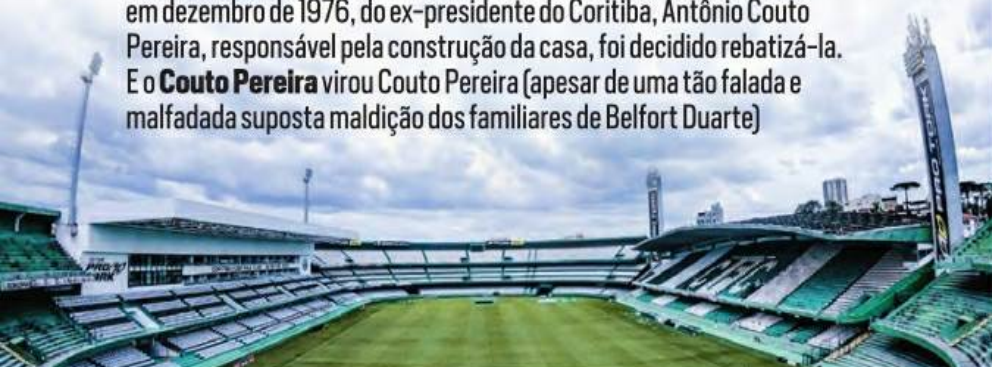
Tapetão aqui, tapetão acolá
O Campeonato Paranaense de 1976 só terminou em **1977.** Houve duas razões. A primeira: o Coritiba não entrou em campo contra o União Bandeirante por causa de uma forte chuva, tomou WO, perdeu dois pontos e foi aos tribunais. A segunda: uma confusão imensa em torno dos pontos extras a que teriam direito os campeões dos turnos. Nos bastidores, Coritiba, Athletico, Londrina e Colorado se engalfinharam tanto que o ano terminou antes de uma solução. Os seis jogos finais seriam realizados em março de 1977

O TIME DA FINAL
Em pé, da esq. para a dir.: Hermes, Sérgio Valentim, Luís Carlos, Marquinhos, Paulinho e Zé Carlos. Agachados, da esq. para a dir.: Wilton, Eli, Adilson, Washington e Aladim

FOTOS CFC DIVULGAÇÃO

Loucura pouca era bobagem
Não se falava em outra coisa, no universo udigrúdi da cultura curitibana, naquele ano, em plena ditadura militar — *Catatau,* o primeiro romance de **Paulo Leminski** (1944-1989), surpreendeu a turma coxa-branca e os rubro-negros. Ressalve-se que Leminski ("esta vida é uma viagem / pena eu estar só de passagem") não era muito amante do futebol, gostava mesmo de judô, e torcia para o Athletico. E do que tratava o livro? Das alucinações do filósofo Descartes no Brasil holandês de Maurício de Nassau. Ah, os anos 1970

O nome de batismo
O estádio, construído em 1932, era o Belfort Duarte, homenagem a João Evangelista Belfort Duarte (1883-1918), um dos precursores do futebol no Brasil, criador da paulistaníssima Associação Atlética Mackenzie College. Com a morte, em dezembro de 1976, do ex-presidente do Coritiba, Antônio Couto Pereira, responsável pela construção da casa, foi decidido rebatizá-la. E o **Couto Pereira** virou Couto Pereira (apesar de uma tão falada e malfadada suposta maldição dos familiares de Belfort Duarte)

JOÃO URBAN/DIVULGAÇÃO

O FUTEBOL MAIS QUE O REGGAE

Novo episódio da série documental em homenagem aos 75 anos do nascimento de Bob Marley mostra que o gênio rasta era antes de tudo um boleiro

Tato Coutinho/Agência Grama

Nem sempre um fim em si mesmo, no espetáculo do jogo, o futebol é também um meio, linguagem auxiliar na expressão da criatividade de quem a ele se entrega. Não são raros os talentos polivalentes como Chico Buarque em seu Politheama; o cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, centroavante furioso; o filósofo francês Albert Camus e o poeta russo Yevgeny Yevtushenko, goleiros apaixonados — e o jamaicano Bob Marley (1945-1981), rastafári-mor.

O recém-lançado quarto de doze episódios planejados para a série documental *Legacy,* em homenagem aos 75 anos de seu nascimento, é dedicado a sua fixação no *scrimmage* (um arranca-rabo, em bom português), como ele se referia às peladas que organizava onde quer que pudesse, nos quatro cantos em turnê pelo mundo. "De certa forma, Bob estar em campo é como se fosse quem ele é. Ele não está no palco, não está se apresentando, pode ser livre só para jogar bola", diz Ziggy, seu filho e principal herdeiro musical, em *Rhythm of the Game* (Ritmo do Jogo), disponível no canal de Marley no YouTube. "Então, se você quisesse conhecê-lo, essa teria sido uma boa experiência, conhecer de fato o homem, não o artista, não a lenda, mas o jogador de futebol, Bob."

A cinematografia é espetacular, dedicada à representação da espiritualidade rastafári para o músico, a busca por uma ligação sem intermediários com a energia cósmica do planeta — o.k., a maconha ajudava, como é tangenciado em *Righteousness* (algo como retidão, em português), o terceiro episódio da série, dedicado à fé religiosa com raízes na Etiópia. O contexto é estabelecido a partir da edição quase delirante de imagens e clipes de arquivo misturados às cenas da natureza exuberante no interior da ilha, onde Marley nasceu, em Saint Ann, e do futebol de raiz jogado em Trench Town, a miserável favela da capital Kingston, onde sua mãe viria a se estabelecer dez anos depois, abandonada pelo marido no dia seguinte ao casamento.

GAB ARCHIVE/REDFERNS

DIVULGAÇÃO

No Brasil, em 1980, no gramado do Politheama, ao lado de Paulo Cezar Caju *(à esq.)* e de Chico Buarque: um gol, 3 a 0, fora o baile

Nada disso interessa ao projeto, mais voltado ao que Marley representa hoje do que a sua história. As entrevistas com os filhos, parentes e amigos dos velhos tempos são o ponto alto de *Legacy*, estabelecido logo na abertura do primeiro episódio, *75 Years a Legend* (75 Anos de uma Lenda), nos bastidores de uma gravação de Ziggy com um dos músicos que acompanharam o pai — "Que experiência divertida. Para mim é legal porque estou conhecendo pessoas que conhecem um Bob diferente de quem conheci".

São essas conversas que ajudam a estabelecer no futebol a origem do apelido de Marley, que nomearia o selo musical do artista e seus negócios no futuro — Tuff Gong, corruptela de *rough gong*, um gongo rude, firme e resistente, que reverbera mais forte quanto maior a pancada, justo como aquele garoto franzino em campo pelo Boys' Town, time de Trench Town. A neta Donisha Prendergast, filha de Sharon Marley, insinua a dimensão que o esporte tinha para o avô. "Há algo na rotação da bola, na camaradagem que o jogo cria para você", ela diz. "Um lugar seguro fora do espaço da sua casa, fora do seu espaço de trabalho."

Quando começou a viajar em turnês com os The Wailers, na virada dos anos 1960 para os 1970, Marley enxergava na banda também um time. Para ele, tanto o reggae quanto o futebol estavam fundados na ideia do corpo como um instrumento em si, canal de expressão dos ritmos do mundo, em sintonia com a batida do coração — o primeiro "tum, dum"

REPRODUÇÃO

O jamaicano enxergava na banda que o acompanhava, os The Wailers, também um time: "Quando eu jogo, o mundo acorda à minha volta"

que a gente ouve, como explica um dos amigos. Para a *entourage,* a começar por ele, a movimentação em campo era como a dança no palco, a evolução do jogo era como a harmonia na música.

Seus companheiros descrevem sua performance com a bola no pé como a com o microfone na mão — em ação, ele não gostava de largar nem uma nem outro. Designer de boa parte das capas dos álbuns de Marley e parceiro desde os primeiros *scrimmages*, o diretor de arte Neville Garrick lembra de uma das temporadas que viveram em Londres, nos anos 1970, como "estúdio, futebol, estúdio, futebol". Numa das partidas que jogavam com frequência no Battersea Park, em Chelsea, onde moravam, Marley teria "acabado com o jogo" contra um time da gravadora com quem começava um relacionamento, a Island Records. "Ele sempre ficava com a bola. A bola raramente ia para mais alguém."

O episódio peca apenas pela abordagem vacilante de sua passagem pelo Brasil, no começo de 1980. A admiração pelo país vinha das semelhanças que ele percebia com a Jamaica no "deixar-se levar", o *free flow* característico do "futebol-samba" que tanto admirava — são clássicas as fotos dele com uma camisa da seleção, à época da Adidas. Ele desembarcaria no Rio de Janeiro para o lançamento da gravadora alemã Ariola, que editaria seus discos por aqui, ao lado de artistas como Chico Buarque. O campeão mundial e colunista de PLACAR Paulo Cezar Caju seria convocado pessoalmente pelo jamaicano para um de seus descompromissos cariocas. É ele quem recupera o episódio de quarenta anos atrás, esquecido por *Legacy:* "Eu jogava no Vasco naquele ano. A Gloria Maria, repórter da Globo, me procurou na cobertura da visita e falou que uma das coisas que Bob queria muito fazer era me conhecer. Ele tinha admiração pela minha luta, pelas minhas posições em defesa da igualdade de direitos, do movimento negro — e, claro, pela geração de 1970. Nós nos encontramos no Copacabana Palace, onde estavam hospedados. Caretaço, eu não bebia, não fumava, nada, vi ele abrir uma mala de maconha e apertar um charuto como nunca tinha visto *(gargalha)!* Rodamos pelo Rio, levei ele e a banda ao Noites Cariocas, do Nelsinho Motta, meu amigo de infância. No dia seguinte, armei de a gente ir jogar no campo do Politheama. Montamos um timaço para enfrentar uma linha da gravadora. Não me lembro quem pegou no gol, mas jogamos com o Bob, o *(Junior)* Marvin e o Jacob *(Miller)*, da banda dele, e o Chico, o Toquinho e o João Luiz Albuquerque, um jornalista ótimo da Manchete. Foi uma maravilha, ganhamos de 3 a 0. Bob era habilidoso, rápido pela esquerda. O Chico fez um, eu fiz outro e o Bob fez o dele. Foi numa tabela comigo, eu dei um passe de letra e ele bateu de canhota, de curva. Cara, fiquei feliz da vida. Imagina, eu um ídolo para o Bob. A geração de 1970 mexeu com o mundo".

Curto e bem editado, *Rhythm of the Game* é revelador ao mostrar como a ligação de Marley com o futebol vem atravessando gerações da família até chegar à seleção feminina da Jamaica na Copa do Mundo de 2019, apoiada pela primogênita, Cedella. É como ele diz, na frase que funciona como epígrafe na abertura do episódio — "O futebol é parte de mim. Quando eu jogo, o mundo acorda à minha volta". ■

Assista a *Rhythm of the Game* em youtube.com/bobmarley

HINOS DE MARLEY

À frente dos Wailers, ele compôs canções inesquecíveis em catorze álbuns, fora a coletânea póstuma Legend, *listada aqui neste trio de ataque*

***BURNIN'* (1973)**
Stand Up, Get Up e *I Shot the Sheriff* dão o tom de sua mensagem em defesa dos direitos civis nos guetos pelo mundo — a busca da espiritualidade elevada não exclui a autodefesa, que pode se tornar violenta

***UPRISING* (1980)**
O mais fino dos discos de Marley, com canções que enfrentam a dificuldade de tratar os temas espirituais em um mundo cada vez mais materialista. Lições para sempre em *Could You Be Loved* e *Redemption Song*

***LEGEND* (1984)**
Entre os cinquenta melhores álbuns de todos os tempos na lista da *Rolling Stone* americana, a coletânea lançada três anos depois de sua morte estabelece a versão definitiva de seus clássicos — como *No Woman, No Cry* ao vivo

PDF GRATIS Cia PDF do Brasil by ed word pdf

SOBRE JOGADAS E SONHOS

Uma trupe paulistana transformou a improvável história de um fã afegão de Lionel Messi em um emocionante livro infantil com leitura e diversão adequadas a tempos de tantas incertezas

Murtaza, no traço de Felipe Tognoli: não é apenas uma história sobre futebol

A foto do menino de sorriso comovente, a exibir no peito a camisa com as cores da Argentina, não pede explicação: ele é um dos milhões de fãs de Lionel Messi. Mas a imagem e seu personagem merecem muito mais do que apenas uma mera identificação. Trata-se do jovem canhoto Murtaza Ahmadi, um garoto do Afeganistão flagrado por um fotógrafo da Agência France-Presse em 2016 no vilarejo de Jaghori, um dos poucos que, naquele tempo, não eram controlados pelos fundamentalistas do Talibã.

A "camisa" foi confeccionada pelo irmão mais velho de Murtaza com uma sacola plástica azul e branca. Virou símbolo de amor e devoção que ultrapassa fronteiras e mereceria ser celebrada de tudo quanto é modo, para além do retrato original.

Os jornalistas brasileiros Guilherme Fuoco e Tiago Maranhão se uniram ao ilustrador Felipe Tognoli e à editora de arte Vanina Batista com o objetivo de adaptar a trajetória do pequeno afegão para crianças. E nasceu o livro ***Murtaza, o Camisa 10,*** disponível em formato digital nas lojas Amazon e no app Bamboleio.

Fuoco teve a ideia de relatar a aventura do afegão enquanto fazia a cobertura do encontro entre ídolo e fã, promovido pelos organizadores de um amistoso do Barcelona no Catar, em dezembro de 2016. "A história simboliza o carinho das crianças do mundo todo", diz o autor. "E traz lições sobre a esperança, com uma sugestão: ao alcançar um sonho, não desgrude dele, aproveite ao máximo, como Murtaza fez com Messi." O garoto teve a chance de entrar de mãos dadas com o camisa 10 em campo. Só largou do argentino porque o juiz precisava começar o jogo, fazer o quê?! Para Maranhão, é obra bacana e bonita até para quem não gosta de futebol. "Fiz leituras de teste com uma de minhas filhas, a Cecília, e notei que a história suscitava perguntas como: 'O que é Talibã?'. É uma forma de apresentar temas difíceis e desagradáveis."

E o que aconteceu com Murtaza? A fama trouxe alguns dissabores para sua família, como ameaças de sequestro. "Acham que ficamos ricos", disse a mãe do garoto, ao jornal *El País,* em 2018. O livro não traz, evidentemente, detalhes como esse, mas uma mensagem positiva. É leitura para lá de agradável em tempos de tantas incertezas. ■

Ao lado, a imagem da camisa feita de sacola plástica que rodou o mundo. Abaixo, a prova de que o pequeno afegão não desgrudou um segundo sequer do ídolo

FOTOS KARIM JAAFAR/AFP; STR/AFP

Alexandre Salvador

A IMORTALIDADE DE EURICO LARA

Em 15 de junho passado, fez 100 anos da estreia do grande ídolo gremista, o intransponível goleiro citado no hino composto por Lupicínio Rodrigues. Sua trajetória é comovente

Airton Gontow*

"Lara, o craque imortal / Soube seu nome elevar / Hoje com mesmo ideal / Nós saberemos te honrar."

Aprendi a história do goleiro Eurico Lara — o maior jogador que atuou pelo Grêmio, juntamente com Airton Pavilhão e Renato Portaluppi — ao lado de seu túmulo, no Cemitério São Miguel e Almas, em Porto Alegre, segurando na mão de meu pai, como acontece com muitos e muitos gremistas. Era um goleiro fantástico e gremista apaixonado (como todos os gremistas devem ser). É o único jogador da centenária história gremista citado por Lupicínio Rodrigues, o autor de *Nervos de Aço* e *Felicidade,* criador do belo hino de melodia e letra inigualáveis, "até a pé nós iremos, para o que der e vier, mas o certo é que nós estaremos com o Grêmio onde o Grêmio estiver".

Mas eu falava sobre Eurico Lara, que era apaixonado e gremista e, veja só, estava no quarto de um hospital, com tuberculose e doente do coração, no dia da final do Campeonato Gaúcho, contra o Internacional, no chamado clássico Gre-Nal. Lara fugiu do hospital para assistir ao jogo. Um empate daria o título ao Grêmio, que estava com 1 ponto a mais na competição. Mas, faltando três minutos, o juiz marcou um pênalti para o Inter. A torcida gremista, em grande maioria, ficou em silêncio, com medo da catástrofe próxima.

Foi nesse momento que Lara disse ao homem que cuidava do portão junto ao gramado: "Abre". E quando entrou em campo foi tirando a camisa, a calça... estava de uniforme por baixo e, pasme, de chuteiras. O estádio explodiu de espanto e alegria, mas logo depois aconteceu um silêncio absoluto, que até hoje impressiona a todos os que assistiram à cena. Era como se não houvesse vozes, pássaros e vento no mundo.

O atacante do Inter ajeitou a bola. Parecia um touro, enquanto se preparava para iniciar a curta corrida em direção à bola. O chute saiu forte, alto, no canto esquerdo. Mas Lara, meu herói Eurico Lara (cantado por Lupicínio como "o craque imortal"), saltou como um gato e encaixou a bola no peito e com ela continuou agarrado quando caiu no chão. A torcida entrou em delírio. Os jogadores se aproximaram para reverenciar aquela lenda do futebol. No estádio, uma chuva de chapéus, como nunca

REPRODUÇÃO

GRÊMIO

A lápide *(acima)* do arqueiro *(à dir.)*, no Cemitério São Miguel e Almas, onde também está sepultado Lupicínio Rodrigues

mais foi vista, nem mesmo nas comemorações pela vitória dos aliados na II Guerra.

Lara continuava agarrado com a bola no chão. Sim, era sua, não queria soltá-la. Os jogadores foram se afastando. A torcida de pé, em silêncio, compreendeu o que acabara de acontecer. Lara estava morto. Com a bola grudada naquele imenso peito gremista. No gramado, milhares e milhares de chapéus eram como flores homenageando aquele deus do futebol.

Na verdade, a história não aconteceu exatamente assim. No dia 22 de setembro de 1935, contrariando as recomendações médicas para que não atuasse mais, Lara entrou em campo para o jogo decisivo — um Gre-Nal! — do campeonato da cidade, naquele ano chamado de Campeonato Farroupilha, por ser o período das comemorações do centenário da revolução dos gaúchos. O Grêmio é que precisava vencer para conquistar o título. Lara jogou apenas o primeiro tempo, ainda assim foi uma das maiores atuações de sua vida, decisiva para a vitória gremista por 2 a 0. Nunca mais entrou em campo. Faleceu em 6 de novembro, 45 dias depois do Gre-Nal, aos 38 anos — e dizem os médicos que a morte foi apressada pelos meses em que, mesmo doente, jogou pelo Grêmio. Segundo os jornais da época, 30 000 pessoas acompanharam o cortejo e o enterro.

Mas vou contar ao meu filho exatamente como o meu pai me contou: segurando em sua mãozinha de gremista, ao lado do túmulo do inesquecível Eurico Lara, aquele que morreu defendendo um pênalti, com tuberculose e doente do coração, dando o título de campeão ao Grêmio. ■

*Airton Gontow é jornalista, cronista e diretor do site de relacionamento Coroa Metade (www.coroametade.com.br)

COMO É QUE EU VISTO ESSA CAMISA?

O manto da seleção do penta, em 2002, tinha uma inovação tecnológica: duas camadas de tecido para absorver melhor o suor. Tudo certo. Faltou só explicar aos jogadores como vesti-lo

Os craques desfilavam com chuteiras multicoloridas e inovavam até nos penteados — quem não se lembra do indefectível moicano de David Beckham ou do infame corte "Cascão" de Ronaldo? A Copa de 2002 foi passarela de moda, de modismos, mas também de criações tecnológicas. A Nike, fornecedora da CBF, lançou naquele Mundial a linha Cool Motion, que consistia basicamente em duas camadas de roupa, para absorver melhor o suor. Na prática, eram duas camisetas, uma regata bem leve por baixo e outra de manga curta por cima, de um inédito tecido elástico. A novidade foi responsável por um mico histórico. "Eu pedi que as camisas fossem costuradas uma na outra, na barra, mas um maluco rejeitou o pedido, simplesmente porque não queria mudanças de última hora. O resultado foi que um jogador do Brasil se enrolou ao tentar trocar uma camisa, com o mundo inteiro vendo. Nunca me senti tão envergonhado", recorda, com bom humor, o criador da camisa, o britânico Craig Buglass, então designer de criação de projetos da Nike.

O atleta em questão era Edmílson. A final contra a Alemanha ficou alguns minutos paralisada até que o zagueiro-volante de Felipão conseguisse vestir a amarelinha decorada com amplas faixas verdes. "Ainda estava 0 a 0, eu tinha pressa para reiniciar o jogo. Acabei me atrapalhando todo, coloquei do avesso", lembra Edmílson. O embaraço deu lugar à euforia após os gols de Ronaldo. "Chorei de alegria, é um orgulho enorme ter desenhado uma camisa campeã do mundo", diz Buglass. ■

Luiz Felipe Castro

Edmílson tenta pôr a amarelinha: um mico global no Japão

NEAL SIMPSON/EMPICS/GETTY IMAGES

PDF GRATIS
Cia PDF
do Brasil
by ed world pdf

PAULO CEZAR CAJU

O TORCEDOR É UM CÃO FIEL

Difícil saber quem é o maior vilão na briga atual: as emissoras de televisão na sede de faturar, os clubes que destroçaram seus times e não conseguem despertar interesse ou os empresários vendendo gato por lebre?

Eu, sinceramente, gostaria de entender o que acontece com o futebol brasileiro. Como, em 2020, ainda estamos totalmente fora do eixo, atrasados, ultrapassados e sendo motivo de chacota? O Campeonato Carioca retornou, mas o Paulista continua parado. E assistindo ao programa do Neto vejo que, caso o Paulistão seja retomado, o Corinthians tem possibilidades claras de cair para a Segunda Divisão. Por que clubes gigantes como o Corinthians, que até campeão mundial já foi, ainda sofrem com problemas financeiros? Quando, de verdade, haverá uma investigação, uma devassa, para desvendar esse mistério? O Palmeiras recebe milhões do patrocinador e não avança, terminou o ano com um time apático. As federações agem da forma que bem entendem, os clubes são mal administrados e, agora, mais essa chatice de a Rede Globo brigar com a federação carioca. Difícil saber quem é o maior vilão dessa história: a tevê na sede de faturar, os clubes que destroçaram seus times e não conseguem despertar interesse de ninguém, as federações pré-históricas, sem ideias, engessadas e politiqueiras, ou os empresários vendendo gato por lebre?

Não existe mocinho nesse enredo. Surgirão outras formas de assistirmos aos jogos, em aplicativos, no relógio que ainda vão lançar, na pqp, vocês me entendem. O torcedor sempre se vira, o torcedor é um cão fiel. Mas a verdade é que o torcedor virou o palhaço de um circo com leões magros e domadores medrosos. O que era para ser o maior espetáculo da Terra virou carniça na boca dos aproveitadores. É ao que temos assistido ao longo dos anos, o futebol sendo sugado e deformado. “Mas, PC, o Flamengo está indo no caminho certo”, me questiona o garçom mascarado do Galeto do Leblon, que reabriu. Dei um pulinho lá, às 6 da tarde, para saborear um galeto com guaraná. O futebol não merece os líderes que tem, e justamente por isso o Flamengo está se transformando em um poço de arrogância, o riquinho mimado que acha que tem o mundo nas mãos e pode falar o que bem entende. A declaração desse diretor, Bap, Bip-Bip, Bope, sei lá, é a grande prova disso. Detonar o Abel foi uma covardia. E não venha dizer que é mimi-mi, porque não é. Abel é meu amigo de anos e sei que ficou muito chateado comigo quando reclamava de sua postura defensiva nos jogos. Ué, muita gente não gosta do que escrevo, faz parte. Abel é simpatizante da escola gaúcha, que já conquistou muitos títulos, mas não me encanta. Quando o diretor do Flamengo disse “houve um momento em que discutíamos internamente... ou esse cara bebeu ou está drogado...”, o que fizeram? Rua! Será que Abel não poderia estar precisando de ajuda? Postura igual essa diretoria teve no caso do incêndio no Ninho do Urubu. Duvido que o torcedor rubro-negro, em sua maioria, aprove o comportamento arrogante desses dirigentes.

Joguei no Flamengo, fui campeão e posso falar. O futebol está em mãos erradas. Ontem, recebi um link para assistir a Vasco *versus* Madureira pelo celular. Achei divertido, e é inevitável que a tecnologia avance, mas ao mesmo tempo me deu uma sensação de perda, de distanciamento. Lembrei da inauguração do placar eletrônico do Maracanã e chorei, porque ali a “tecnologia avançadíssima” estava em sintonia com o povão. Saí do Galeto, voltei andando para casa, observando nosso baile de máscaras, tive vontade de ligar para o Abelão, trocar ideias, lembrar de seu título pelo grande Vasco de 77, sua ida para o Paris Saint-Germain, enfim, talvez fosse bom chorarmos juntos. ■

O que era para ser o maior espetáculo da Terra virou carniça na boca dos aproveitadores. É ao que temos assistido ao longo dos anos. O futebol sendo sugado e deformado

PDF GRATIS
Cia PDF do Brasil by ed word pdf

A CIÊNCIA DIRETO DA FONTE

Ciência, história, tecnologia, cultura e muito mais. Mas de um jeito único, com narrativas inteligentes e profundas, mostrando o que ninguém pensou sobre aquilo que todos veem.

ENXERGUE ALÉM DO ÓBVIO

Assine **SUPER** a partir de R$ **8,90**/mês
Cancele quando quiser.

ACESSE TODO CONTEÚDO EXCLUSIVO NO NOVO SITE

SUPER.ABRIL.COM.BR

Acesse: **abr.ai/superplacar**
ou aponte a câmera do seu celular para o código ao lado